

Relatório Síntese

Antissemitismo no Brasil

PANORAMA ATUAL (2025) & TENDÊNCIAS



Federadas



ECOA - Executivos
Contra o Antissemitismo

FICHA TÉCNICA

A elaboração do Relatório Anual de Antissemitismo no Brasil contou com a colaboração dos seguintes profissionais e especialistas:

Elaboração e Pesquisa

Anelise Fróes
Bruno Cardoni
Cléo Assunção
Gabriela Franco
Hannytta Medici
Matheus Alexandre de Araújo

Institucional

Andrea Vainer — Diretora Voluntária
Rony Vainzof — Diretor Voluntário
Sergio Napchan — Diretor Executivo
Joana Zlot — Head de Comunicação e Marketing
Andressa Assunção — Advogada

Projeto gráfico e diagramação

Grupo1000agencia.com.br

Este relatório foi elaborado pela Confederação Israelita do Brasil (CONIB) com base em monitoramento, análise de dados, pesquisa acadêmica e acompanhamento institucional de casos de antissemitismo no Brasil.

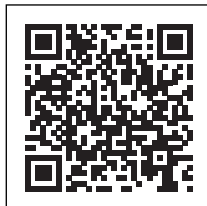
Relatório Síntese

Antissemitismo no Brasil

PANORAMA ATUAL (2025) & TENDÊNCIAS



Para acessar a versão integral do Relatório Anual sobre Antissemitismo 2025 clique [AQUI](#) ou acesse o QR Code ao lado.



Sumário

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
Condicionantes estruturais do monitoramento do antissemitismo no Brasil	10
A definição de antissemitismo empregada neste relatório	11
Panorama 2025	12
DENÚNCIAS E OCORRÊNCIAS	16
Canais de denúncias vinculados à comunidade judaica	16
Dados de subnotificação	18
Distribuição geográfica dos incidentes denunciados	18
Novo Normal? A experiência internacional comparada	20
Categorização das denúncias	20
Classificação de ocorrências	21
Classificação do conteúdo antissemita	22
Antissemitismo como “grande narrativa” sobre os judeus	25
ESTUDOS DE CASOS DENUNCIADOS	26
ATUAÇÃO JURÍDICA DA CONIB EM 2025	36
PESQUISA INTRACOMUNITÁRIA	37
Principais achados	37
Indicadores de confiabilidade institucional	39
Confiabilidade – A importância da estrutura comunitária	39
Síntese analítica	39
Novo Normal?	40
Ataque Antissemita à Pesquisa Intracomunitária	40
PESQUISA PRESENÇA DO ANTISSEMITISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA 2026	42
Principais achados	42
Conclusão	51
O ANTISSEMITISMO PARA ALÉM DOS INCIDENTES	52
Contexto, Narrativas, Tendências e Percepções	52
MONITORAMENTO DIGITAL – REDES SOCIAIS	53
Como o Monitoramento Digital é feito	53
Classificação das menções captadas no Monitoramento	54
Principais números	54
Síntese analítica dos resultados	59

CONHECIMENTO SOBRE O HOLOCAUSTO NO BRASIL – 2025	60
Síntese analítica dos resultados.....	61
ANTISSEMITISMO EM EMPRESAS	62
Principais achados	63
Síntese analítica dos resultados.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS	65
Premissas Orientadoras	65
FONTES DOS DADOS APRESENTADOS	69

APRESENTAÇÃO

O enfrentamento ao antissemitismo é, antes de tudo, um imperativo para a saúde da democracia brasileira. Se o Relatório de 2024 funcionou como um alerta diante do “tsunami” de ódio desencadeado pelos ataques de 7 de outubro, esta edição de 2025 registra uma realidade ainda mais desafiadora: a consolidação desse ódio em patamares historicamente elevados. Já não se trata de um pico isolado, mas de um “novo normal” de hostilidade, que exige não apenas vigilância permanente, mas também uma estratégia de resiliência comunitária sistêmica e profissionalizada.

Neste ano, confirmou-se o caráter transnacional e imediato do antissemitismo contemporâneo. Dados divulgados pelo Ministério da Diáspora de Israel e por organizações internacionais, congêneres à CONIB na tarefa de monitoramento e análise deste fenômeno, demonstram que acontecimentos no Oriente Médio ou em universidades norte-americanas reverberam, em tempo real, nas redes sociais e nas ruas das cidades ao redor do mundo. A chamada “globalização do ódio” ignora fronteiras e transforma o ambiente digital no principal campo de difusão, responsável, mais uma vez, pela maioria das denúncias recebidas por nossos canais.

Felizmente, o enfrentamento a esse cenário não é tarefa solitária. Em um ano marcado pela persistência de desafios globais e pela complexidade do contexto nacional, a comunidade judaica brasileira reafirmou que sua maior força reside na articulação, na cooperação e na unidade. Este Relatório Anual sobre o Antissemitismo no Brasil 2025 não se limita a compilar dados estatísticos; ele materializa um esforço conjunto sem precedentes, que envolveu instituições representativas das comunidades de todo o país, suas diretorias, equipes profissionais e, de modo decisivo, a dedicação de voluntários.

Coube à CONIB, como instância nacional de coordenação, a articulação dos esforços da comunidade judaica brasileira no enfrentamento ao antissemitismo. Em parceria com todas as Federações e Associações Israelitas de norte a sul do Brasil — com destaque para a atuação da Federação Israelita do Estado de São Paulo (FISESP) —, a Confederação consolidou uma rede de proteção e articulação que transcende fronteiras estaduais. Essa capilaridade permitiu, pela primeira vez, a construção de um amplo retrato da realidade vivida pelos judeus brasileiros, alcançando tanto grandes centros urbanos quanto comunidades menores, e assegurando que diferentes vozes fossem consideradas.

A realização da pesquisa Percepções da Comunidade Judaica sobre Identidade, Vivência e Antissemitismo no Brasil – esforço inédito no contexto nacional – constituiu evidência da capacidade de mobilização da comunidade judaica brasileira. O levantamento resultou da articulação coordenada pela CONIB em parceria direta com federações e associações estaduais, que atuaram como canais de engajamento e de segurança institucional. A obtenção de mais de 1.400 respostas válidas, abrangendo diversidade de perfis religiosos e profissionais, demonstra que a estrutura federativa dispõe de condições políticas e operacionais para coordenar ações de grande escala. Ao integrar os Departamentos de Segurança Comunitária com as lideranças regionais e organizar e analisar os dados resultantes com rigor e inteligência, o projeto transformou percepções individuais de insegurança em insumo estratégico para a proteção coletiva.

A consistência dos diagnósticos apresentados neste relatório decorre da integração de diferentes expertises. A parceria com a StandWithUs Brasil e o seu Centro de Estudo e Análise de Dados (CEAD) foi fundamental para a realização, junto à AtlasIntel, de pesquisas de opinião que permitem melhor compreender percepções da sociedade brasileira sobre os judeus, o antissemitismo e o conflito entre israelenses e palestinos. A análise conjunta desses dados com os registros de incidentes e denúncias e com a pesquisa intracomunitária de percepção do antissemitismo oferece instrumentos mais qualificados para enfrentar a polarização contemporânea, alinhados às melhores práticas internacionais.

Da mesma forma, o consórcio da CONIB com o Museu do Holocausto de Curitiba, com o Memorial do Holocausto de São Paulo e com a própria StandWithUs Brasil, agregou dimensão indispensável de memória e educação. Ao examinarem o conhecimento da população sobre a Shoá por meio de pesquisa conduzida pelo Grupo ISPO, essas instituições reafirmaram que a educação histórica permanece elemento central na prevenção da intolerância. Também avançamos ao examinar o ambiente corporativo: o trabalho do Grupo ECOA, ao revelar impactos do antissemitismo nas relações de trabalho, abriu frente relevante no campo de Diversidade e Inclusão, contribuindo para a promoção do respeito à identidade judaica no espaço profissional.

Os números aqui apresentados não são abstratos. Eles refletem a ansiedade de estudantes universitários, o desconforto de profissionais em seus ambientes de trabalho e a insegurança de famílias que, após décadas, voltam a questionar a exposição pública de símbolos de fé e cultura. Ao mesmo tempo, os dados registram respostas institucionais consistentes. O ano de 2025 foi marcado por decisões judiciais que reafirmaram que o racismo e o discurso de ódio não encontram amparo sob o pretexto da liberdade de expressão, além de uma atuação política vigilante da CONIB junto à mídia e aos poderes Legislativo e Executivo, buscando aliados e interlocutores para a consolidação de políticas públicas voltadas à proteção de minorias.

Este documento expressa a competência e a resiliência das instituições comunitárias e, ao mesmo tempo, constitui um convite à ação compartilhada. O enfrentamento do antissemitismo não é responsabilidade exclusiva da comunidade judaica; trata-se de compromisso que envolve sociedade civil, poder público e todas as instituições comprometidas com a diversidade e o Estado Democrático de Direito.

Registro meu agradecimento às diretorias executivas, aos conselhos, aos profissionais e aos voluntários que se dedicaram ao monitoramento de redes, ao acolhimento de vítimas, à formação de jovens e ao diálogo com a sociedade. O resultado é mais do que um relatório: é um instrumento de defesa democrática que põe o Brasil em diálogo com as principais iniciativas de monitoramento e análise do antissemitismo ao redor do mundo.

Que a leitura destas páginas reforce a compreensão de que proteger minorias — incluída a minoria judaica — significa preservar os valores de tolerância e convivência que sustentam a democracia brasileira. Que este trabalho estimule a continuidade da união que nos permitiu realizá-lo e que permanece condição para um futuro seguro e digno para a comunidade judaica e para toda a sociedade brasileira.

Boa leitura.

Dr. Claudio Lottenberg

Presidente da Confederação Israelita do Brasil (CONIB)

INTRODUÇÃO

O antissemitismo deixou de ser um fenômeno episódico ou periférico. Em diferentes partes do mundo, e também no Brasil, ele passou a integrar o que pode ser descrito como um “novo normal”: um ambiente em que discursos de ódio circulam com naturalidade, manifestações digitais se convertem em hostilidade concreta e a identidade judaica se torna, novamente, fator de vulnerabilidade social. Este fenômeno, ainda ancorado nos efeitos pós-7 de outubro de 2023, embora apresente oscilações em registros de incidentes (no Brasil), demonstra uma perigosa naturalização do ódio antijudaico, cuja tendência não parece ser a redução.

O ano de 2025 consolidou essa transformação. O que antes se manifestava como picos isolados passou a configurar um padrão contínuo, mensurável e estruturado. O ambiente digital tornou-se o principal vetor de propagação do ódio, enquanto espaços profissionais, educacionais e sociais passaram a refletir tensões que extrapolam o debate político e atingem diretamente indivíduos e instituições.

Este Sumário Executivo apresenta os principais achados do Relatório Anual sobre Antissemitismo 2025 da CONIB – um diagnóstico nacional construído a partir de denúncias registradas, monitoramento digital sistemático e múltiplas pesquisas de opinião pública e percepção comunitária. O objetivo é oferecer à sociedade brasileira um retrato baseado em evidências sobre a dimensão, as características e os impactos do antissemitismo contemporâneo, bem como sobre a resposta coletiva articulada pela comunidade judaica brasileira em suas múltiplas instâncias de inserção e atuação.

Rony Vainzof e Andrea Vainer

Projeto Nacional de Enfrentamento ao Discurso de Ódio, Extremismo e Antissemitismo da CONIB

Condicionantes estruturais do monitoramento do antissemitismo no Brasil

O monitoramento do antissemitismo é condicionado por fatores demográficos, psicossociais, institucionais e operacionais que influenciam a coleta, a qualidade e a interpretação dos dados. Tais desafios não são exclusivos do Brasil. Relatórios da Fundamental Rights Agency, da União Europeia, Anti-Defamation League nos EUA e Community Security Trust, no Reino Unido, reconhecem que comunidades judaicas em diáspora enfrentam subnotificação, baixa base populacional absoluta e discrepância entre experiência vivida e registros formais.

No contexto brasileiro, essas limitações são agravadas pela inexistência de um sistema público estruturado para monitoramento do antissemitismo. A produção de dados depende majoritariamente da própria comunidade judaica. Com população estimada em cerca de 120 mil pessoas — menos de 0,6% da demografia nacional — variações relevantes no ambiente de hostilidade podem parecer estatisticamente modestas, gerando percepção equivocada de irrelevância do fenômeno.

Ainda, muitas manifestações antissemitas, como discursos conspiratórios, estigmatização e hostilidade indireta, não geram registros oficiais, embora produzam impactos simbólicos e sociais relevantes. Além disso, desconhecimento dos canais, descrença institucional e medo de retaliação contribuem para a subnotificação. A literatura internacional demonstra que autocensura e retração identitária constituem respostas adaptativas a ambientes hostis.

Pesquisas da FRA, do CST e de centros como Pew Research Center e American Jewish Committee evidenciam que parte significativa dos episódios vivenciados não é denunciada. Diante disso, adotou-se triangulação de dados, combinando registros formais, relatos não formalizados, monitoramento digital e pesquisa de percepção comunitária. Essa integração permite estimar subnotificação e considerar variáveis como medo e insegurança como indicadores relevantes do fenômeno.

Diante dessas limitações, o relatório adota três medidas centrais: transparência quanto às restrições metodológicas; triangulação entre monitoramento automatizado e análise qualitativa especializada; e apresentação sistemática de exemplos concretos para contextualizar a gravidade e o significado discursivo das ocorrências. Essa estratégia permite compreender o fenômeno para além da quantificação, avaliando sua intensidade, dinâmica e impacto estrutural.

A definição de antissemitismo empregada neste relatório

A CONIB adota, para fins deste relatório, a definição prática da Aliança Internacional pela Memória do Holocausto (IHRA). Essa escolha fundamenta-se em sua consolidação institucional internacional, em sua aplicabilidade operacional ao monitoramento de incidentes e, sobretudo, em sua capacidade de identificar as mutações contemporâneas do antissemitismo — inclusive quando o discurso se projeta sobre o Estado de Israel como coletivo judaico. Ainda, a definição da IHRA não serve – não deve servir – para silenciar críticas a Israel, a menos que esta seja condicional à negação da autodeterminação judaico-israelense. Tanto é assim que a própria IHRA prevê que “...críticas a Israel, semelhantes às dirigidas contra qualquer outro país, não podem ser consideradas antissemitas”.

A formulação da IHRA oferece instrumento interpretativo robusto, contextual e compatível com o enfrentamento do fenômeno em sua configuração atual.

Seu texto base é o seguinte:

“O antissemitismo é uma determinada percepção dos judeus, que se pode exprimir como ódio em relação aos judeus. Manifestações retóricas e físicas de antissemitismo são orientadas contra indivíduos judeus e não judeus e/ou contra os seus bens, contra as instituições comunitárias e as instalações religiosas judaicas.”

A definição da IHRA apresenta, ainda, uma lista de exemplos para orientar o trabalho de classificação, que pode ser verificada na versão integral do Relatório Anual sobre Antissemitismo 2025 clicando [AQUI](#) ou acessando o QR code ao lado.

Um estudo preliminar das definições de antissemitismo constante na versão completa do relatório pode ser acessado no mesmo link acima ou QR Code ao lado.



ESCALADA ESTRUTURAL E CONSOLIDAÇÃO DE UM “NOVO NORMAL”

Canal de Denúncias registrou
989 ocorrências de
antissemitismo.

Aumento de **149,1%**
em relação a 2022.

Pico mensal de
ocorrências:
138 denúncias
em junho.

Os estados de SP, RJ e
RS lideram, com **40%**
das denúncias.

A DIGITALIZAÇÃO DO ÓDIO

Ambientes digitais como principais vetores contemporâneos

800 dos 989 casos registrados via Canal de Denúncias foram ocorrências de antissemitismo online.

Em 2022, foram **202** ocorrências de antissemitismo online. Aumento de 296,04% em três anos.

O **Instagram** foi a rede social com mais ocorrências: **37,13%**.

No **X/Twitter**, os casos denunciados foram **13,88%**.

11,63% das denúncias registradas de antissemitismo online aconteceram no **Facebook**.

Para **81,5%** dos respondentes da pesquisa intracomunitária, discursos de ódio online são a ameaça mais preocupante para o futuro.

IMPACTO DO ÓDIO ANTIJUDAICO NO COTIDIANO

O antissemitismo afeta relações sociais, identidade e projeções de futuro

46% dos judeus já sofreram antissemitismo na vida profissional.

Manifestações antissemitas em locais de trabalho foram vivenciadas por **25%** dos judeus

39,84% dos respondentes da pesquisa intracomunitária já omitiram/pensaram em omitir sua identidade por medo de agressões morais/físicas.

Para **43,72%** dos respondentes da pesquisa intracomunitária, o antissemitismo vai aumentar muito nos próximos cinco anos.

O CONTEXTO SOCIAL MAIS AMPLO

**Baixa educação histórica +
consumo digital massivo =
terreno fértil para distorções**

59,2% dos brasileiros usam
redes sociais como principal
fonte de informações sobre o
conflito Israel-Palestina.

Apenas **53%** sabem
definir corretamente o que
foi o Holocausto.

87,3% nunca participaram de qualquer ação educativa
sobre o Holocausto (dentro ou fora da escola).

DENÚNCIAS E OCORRÊNCIAS

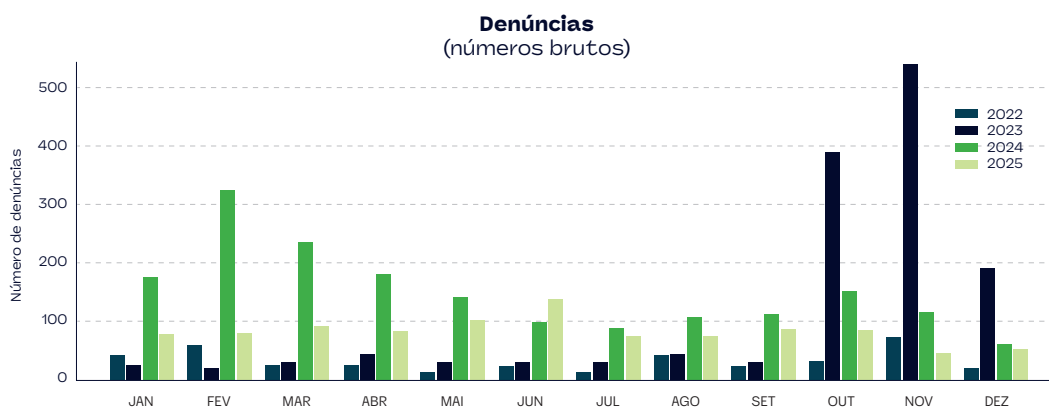
Canais de denúncias vinculados à comunidade judaica

As denúncias de antissemitismo são recebidas por **múltiplos canais** e podem ser apresentadas por indivíduos ou instituições, por meio de formulários nos sites da CONIB, da FISESP, da FIERJ, da FIRS e de demais Federações, do Portal de Combate ao Antissemitismo da CONIB, de contatos telefônicos e mensagens de WhatsApp aos Departamentos de Segurança Comunitária (DSCs), de e-mails às entidades representativas da comunidade judaica e de relatos presenciais a seus funcionários.

Cada denúncia é **formalmente registrada e submetida a avaliação inicial**. Apenas são contabilizadas as ocorrências cujo caráter antissemita possa ser estabelecido com base nas categorias adotadas neste relatório; registros fora desse escopo ou duplicados são arquivados. Cada incidente é documentado uma única vez, inclusive quando um mesmo conteúdo online é denunciado por múltiplas pessoas, evitando distorções estatísticas.

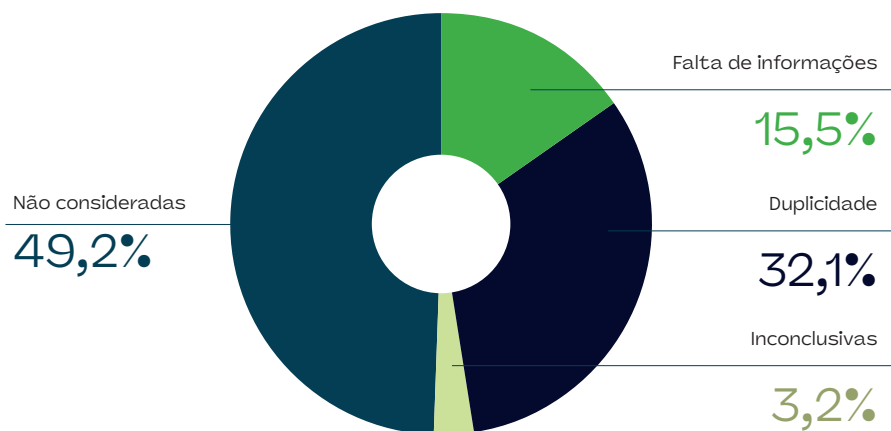
As denúncias são processadas e **priorizadas conforme o nível de risco**, assegurando tratamento célere às situações mais sensíveis. As estatísticas abrangem crimes tipificados e incidentes não criminosos que revelem hostilidade ou disposição discriminatória contra judeus. As medidas podem incluir **análise pelo comitê jurídico da CONIB, acionamento às Autoridades** e encaminhamento para **acolhimento às vítimas** ou **tratativas de natureza política e educacional**.

O procedimento busca garantir respostas consistentes às denúncias e permitir o monitoramento sistemático do antissemitismo no Brasil.



Em 2025, observa-se uma redução dos picos de denúncias quando comparado a 2023 e 2024. Ainda assim, os níveis permanecem substancialmente superiores aos registrados

até 2022. Ao longo de 2025, foram registradas 1.428 denúncias ou ocorrências, das quais 989 foram classificadas como contendo expressões de antissemitismo, enquanto 439 foram descartadas após análise. **O volume de denúncias válidas em 2025 representa uma queda de 44,7% em relação a 2024, mas um aumento de 149,1% em relação a 2022, marco inicial da série histórica.**



As **439 denúncias desconsideradas em 2025** foram excluídas por diferentes razões: duplicidade de registros (141 casos), não identificação de conteúdo antissemita (216 casos), insuficiência de informações sobre o evento ou discurso denunciado (68 casos) e avaliações consideradas inconclusivas (14 casos).

No recorte mensal de 2025, **o número de denúncias variou entre um mínimo de 46 e um máximo de 138 registros por mês.** Os aumentos mais expressivos estiveram associados a eventos críticos de repercussão internacional, como os ataques envolvendo Israel e Irã em junho de 2025, sugerindo uma relação entre a quantidade de denúncias e contextos geopolíticos de alta tensão.

Exemplos de tipos de casos desconsiderados podem ser acessados no Relatório Integral, [AQUI](#) ou através do QR Code abaixo.

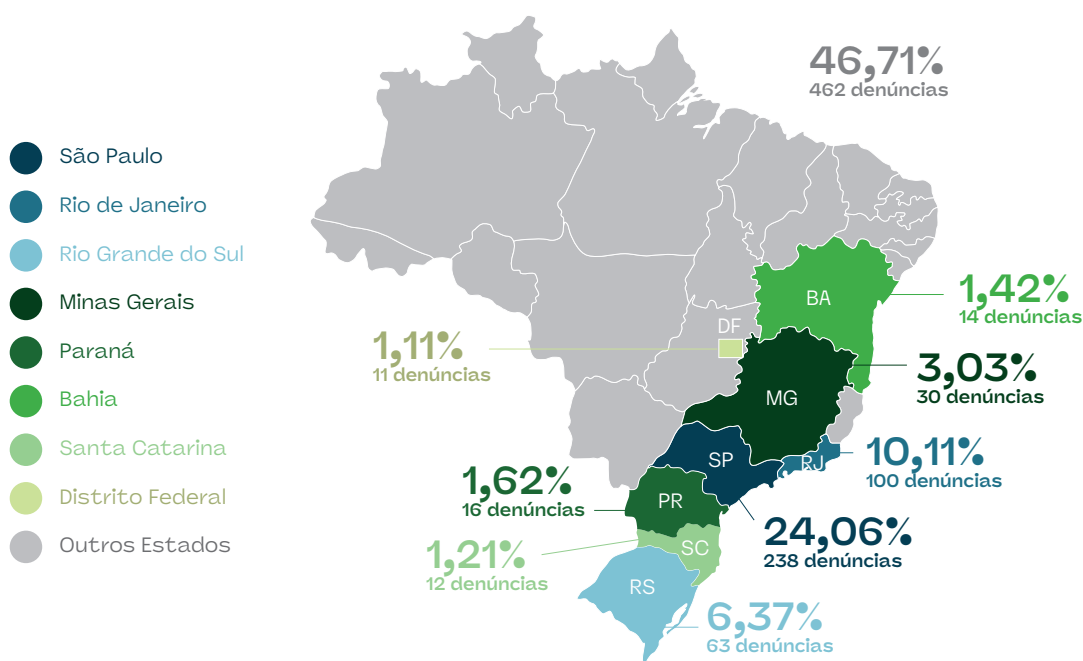


Ano	TOTAL Anual	Média por dia
2022	397	1,9
2023	1.410	3,86
2024	1.788	4,90
2025	989	2,71

Dados de subnotificação

Os dados de comportamento da própria comunidade ajudam a explicar por que nem todos os casos chegam ao canal. Conforme os dados da pesquisa “Percepções da Comunidade Judaica sobre Identidade, Vivência e Antissemitismo no Brasil”, embora exista uma alta confiança nas instituições comunitárias (como a CONIB e os DSCs), apenas **32,58%** dos judeus entrevistados afirmaram que informam uma organização judaica de apoio ou segurança ao presenciarem um episódio.

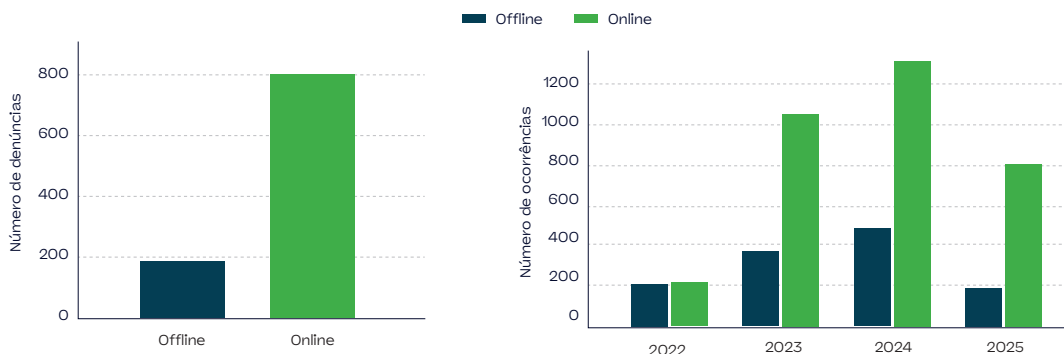
Diante de um caso de antissemitismo, a atitude mais comum (relatada por **59,21%** dos respondentes) é apenas compartilhar o ocorrido com familiares e amigos, fazendo com que o incidente não seja formalizado nem mesmo nas estruturas internas da comunidade.



Distribuição geográfica dos incidentes denunciados

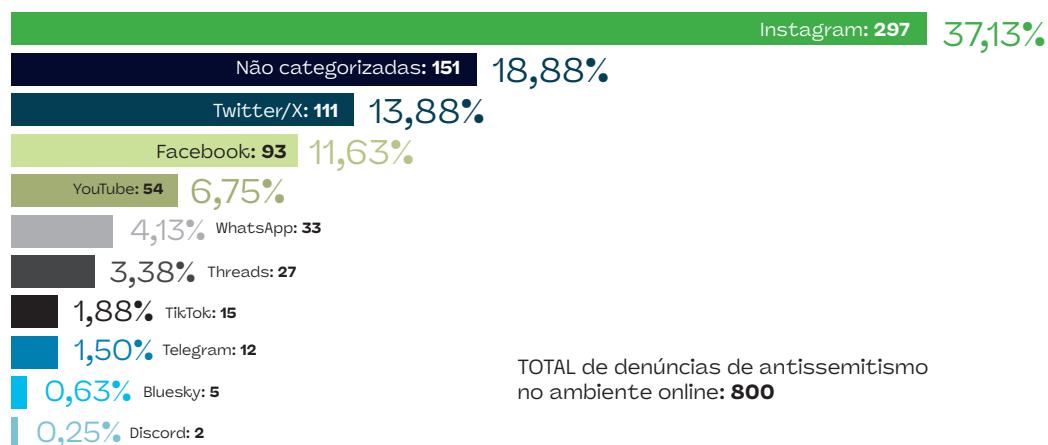
Em 2025, 462 registros (46,71%) foram classificados como “sem estado”, proporção majoritariamente associada a incidentes no ambiente digital, nos quais o conteúdo muitas vezes não se vincula a território específico e o denunciante não informa sua localização. **Entre os estados identificados, São Paulo concentrou 24,06% das denúncias (238 registros), seguido por Rio de Janeiro (10,11%; 100 registros) e Rio Grande do Sul (6,37%; 63 registros).** Os demais estados apresentaram percentuais individuais inferiores a 4%.

Offline vs Online Ocorrências de antissemitismo por ambiente (2022-2025)



Em 2025, a maioria das denúncias classificadas como contendo expressões de antissemitismo concentrou-se no ambiente online: das **989 ocorrências validadas, 800 referem-se a conteúdos veiculados em plataformas digitais**, especialmente redes sociais, e 189 a eventos offline, incluindo agressões físicas e verbais contra membros da comunidade judaica e episódios de vandalismo contra prédios comunitários, estabelecimentos comerciais e residências. A série histórica de 2022 a 2025 indica a consolidação dessa tendência: **em 2022, registraram-se 202 ocorrências online e 195 offline (397 no total); em 2023, 1.049 online e 363 offline (1.412); em 2024, 1.310 online e 478 offline (1.788).**

Em 2025, as denúncias de antissemitismo no ambiente online concentraram-se principalmente em redes sociais de grande alcance. Das 800 ocorrências registradas, **o Instagram liderou com 297 casos (37,13%)**, seguido por **Twitter/X (111; 13,88%)** e **Facebook (93; 11,63%)**. Também apresentaram participação relevante o **YouTube (54; 6,75%)** e o **WhatsApp (33; 4,13%)**. Plataformas como **Threads (27; 3,38%)**, **TikTok (15; 1,88%)**, **Telegram (12; 1,50%)**, **Bluesky (5; 0,63%)** e **Discord (2; 0,25%)** indicam a **presença do fenômeno em redes emergentes e ambientes digitais diversos.**



Novo Normal? A experiência internacional comparada

Os dados internacionais disponíveis até o fechamento deste relatório indicam que **a elevação abrupta dos incidentes antissemitas após 2023 não representou um fenômeno passageiro, mas a consolidação de um novo patamar estrutural**. Na Austrália, foram registrados 1.654 incidentes em 2025, com redução de 19,7% em relação a 2024, mas ainda em nível cerca de três vezes superior ao observado antes da guerra (ECAJ, 2025). Na **França**, 1.320 atos registrados — média superior a 3,5 por dia — confirmam a manutenção do platô crítico alcançado nos dois anos anteriores, distanciando-se das “meras centenas” anuais até 2022 (Crif, 2026). O **Reino Unido** registrou 3.700 incidentes em 2025, aumento de 4% em relação a 2024 e mais que o dobro de 2022, com média mensal de 308 casos (CST, 2026). A **Itália** apresenta trajetória ascendente contínua, passando de 241 episódios em 2022 para 963 em 2025, praticamente quadruplicando seus índices pré-conflito (CDEC, 2026). No **Brasil**, embora 2025 tenha registrado redução em relação ao pico de 2024, o volume de denúncias permanece significativamente superior aos níveis de 2022, indicando tendência semelhante de elevação da linha de base. Em conjunto, **os dados sugerem que a explosão inicial de incidentes deu lugar a um cenário de estabilização em patamar elevado, caracterizando um “novo normal” marcado pela persistência estrutural do antissemitismo**.

Categorização das denúncias

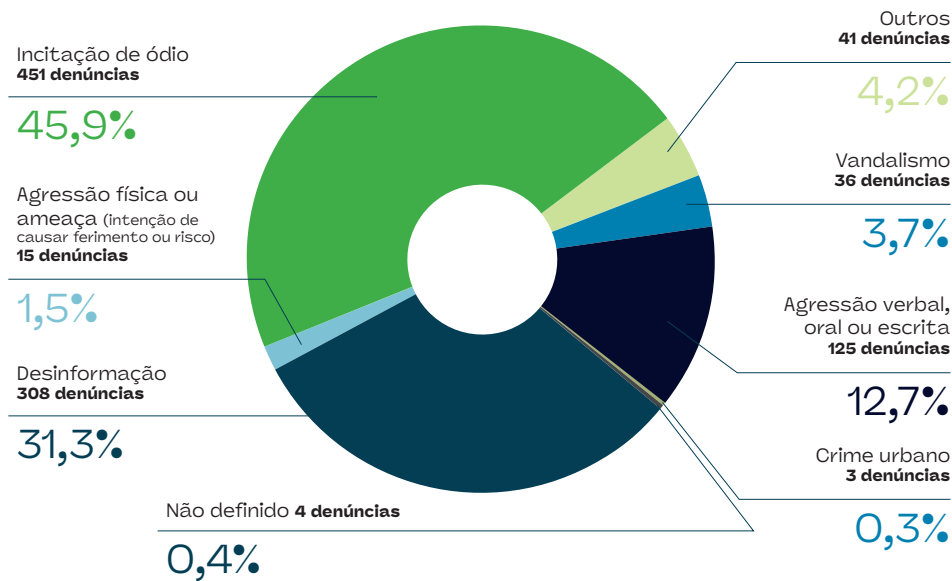
A categorização das denúncias organiza-se em dois níveis **analíticos complementares**. O primeiro, relativo à classificação da ocorrência, responde à pergunta **“o que aconteceu?”** e abrange **agressão física ou ameaça (intenção de causar ferimento ou risco), agressão verbal, incitação ao ódio, desinformação, vandalismo, crime urbano ou outros**. O segundo, referente à classificação do conteúdo antissemita, responde à pergunta **“o que foi dito, expresso ou significado?”**.

Os níveis são articulados, mas não coincidentes. Uma mesma ocorrência — como uma agressão verbal — pode conter múltiplas categorias de conteúdo antissemita, tais como **atos de fala agressivos, essencializações e generalizações, atribuições conspiratórias de poder, antissionismo, exaltação de grupos antissemitas e exaltação, afirmação ou instrumentalização do nazismo**. De modo inverso, um mesmo conteúdo pode manifestar-se em diferentes modalidades de ocorrência, em ambientes online ou offline, incluindo vandalismo, incitação ou agressão direta.

Classificação de ocorrências - “O que aconteceu?”

A classificação da ocorrência é enquadrada em um único tipo principal, definido a partir do critério de maior gravidade. A tipologia da classificação das ocorrências é a seguinte:

- **Agressão física ou ameaça (intenção de causar ferimento ou risco):** Categoria que abrange atos nos quais há contato físico direto ou ameaça concreta à integridade corporal de pessoas, quando motivados por antissemitismo. Inclui situações em que existe intenção de causar dano, intimidação ou risco físico, ainda que não haja registro de lesões efetivas.
- **Agressão verbal (oral ou escrita):** Refere-se a ofensas, insultos, ameaças ou expressões depreciativas dirigidas a pessoas identificadas como judias, a instituições judaicas ou a coletividades associadas ao judaísmo. Essas manifestações podem ocorrer de forma verbal direta ou por meio de registros escritos, cartazes, mensagens ou outros suportes materiais, tendo como elemento central a identificação de um alvo específico.
- **Vandalismo:** Inclui ações de dano, depredação ou pichação de bens públicos ou privados motivadas por antissemitismo. Abrange ataques a espaços religiosos, comunitários ou institucionais, bem como a símbolos associados à identidade judaica, independentemente da gravidade material do dano causado.
- **Incitação ao ódio:** Compreende manifestações que promovem, legitimam ou estimulam hostilidade, discriminação ou violência contra os judeus enquanto grupo, sem a necessidade de um alvo individual específico. Inclui discursos, mensagens, símbolos ou atos de caráter antissemita que buscam difundir ou normalizar o ódio coletivo.
- **Desinformação:** Abrange a divulgação de informações falsas, distorcidas ou enganosas que difamam judeus, seja enquanto coletividade, seja enquanto indivíduos — judeus ou não judeus visados em razão de sua associação real ou presumida com o judaísmo. Inclui também conteúdos que negam, relativizam ou banalizam o antissemitismo, o Holocausto ou outras formas históricas e contemporâneas de perseguição aos judeus.
- **Crime urbano:** Refere-se a ocorrências em espaços públicos classificadas como crimes comuns, que não configuram, em si, crimes antissemitas. São incluídas nesta categoria quando ocorrem nas proximidades de instituições ou eventos judaicos e têm como alvo membros da comunidade ou participantes dessas atividades, sendo acompanhadas pelo Departamento de Segurança Comunitária em razão do risco potencial envolvido.
- **Outros:** Categoria residual que reúne denúncias ou registros de ocorrências relacionadas a atitudes suspeitas, objetos suspeitos ou pessoas suspeitas, quando associadas a contextos, locais ou circunstâncias que indiquem motivação antissemita possível, ainda que não haja confirmação ou enquadramento claro nas demais categorias.



O padrão revela predominância de manifestações discursivas, nas quais o antissemitismo se expressa por meio de narrativas hostis, acusações coletivas ou ameaças, sem necessariamente envolver violência física direta.

Classificação do conteúdo antissemita - “O que foi dito, significado ou expressado?”

A classificação do conteúdo é cumulativa, permitindo que **um mesmo caso seja associado simultaneamente a diferentes categorias discursivas**. As categorias de expressão de antissemitismo foram **definidas em conformidade com a moldura conceitual da definição prática de antissemitismo da IHRA**. Estruturada nesse marco normativo, a tipologia adotada no relatório fundamenta-se no referencial do estudo *Decoding Antisemitism* (Becker et al., 2024), que compreende o antissemitismo como fenômeno discursivo identificado por meio da análise sistemática de tropos, estereótipos e analogias recorrentes, bem como de suas inter-relações, adaptações históricas e reconfigurações. As categorias são as seguintes:

1. Atos de fala agressivos: Abrange manifestações de violência verbal destinadas a ofender, intimidar ou desejar dano a judeus — bem como a israelenses ou sionistas quando identificados como judeus ou caracterizados por meio de estereótipos típicos do antissemitismo clássico. Inclui cinco modalidades principais: (i) insultos, que buscam desqualificar, humilhar ou desumanizar o alvo; (ii) ameaças, caracterizadas por anúncios ou advertências de danos futuros, físicos ou psicológicos; (iii) maldições, entendidas como desejos de infortúnio ou sofrimento, atribuídos a forças superiores ou ao destino; (iv) desejos de morte, explícitos ou implícitos; e (v) afirmação ou incitação à violência, quando há apoio, justificativa ou apelo

direto à agressão física contra judeus — ou contra israelenses e sionistas visados em razão de sua identidade judaica ou de atributos tradicionalmente mobilizados pelo discurso antissemita.

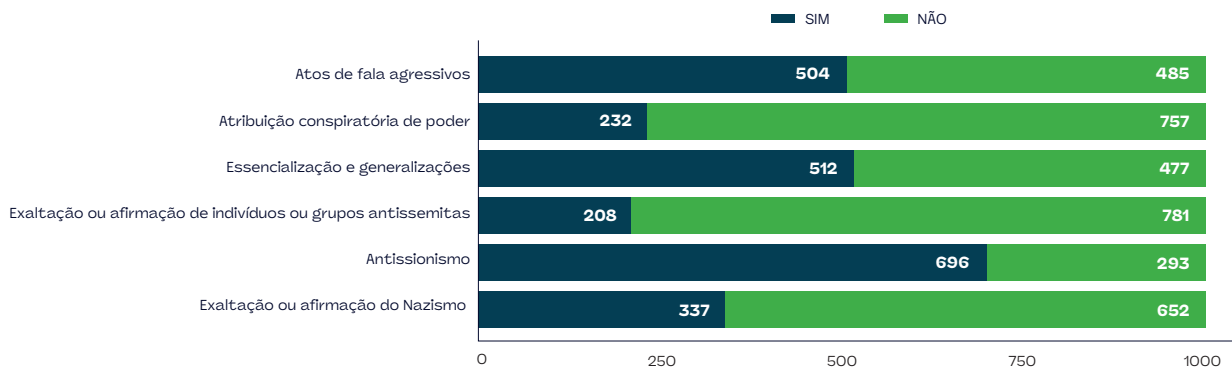
2. Essencializações e generalizações: A essencialização ocorre quando características negativas — tipicamente avareza, ganância, imoralidade, desumanidade, deslealdade ou dupla lealdade, sectarismo, repulsividade, artificialidade, ou maldade, entre outras — são atribuídas aos judeus como traços inatos, biológicos ou culturais imutáveis, e não como comportamentos individuais ou contextuais. A generalização consiste em estender ações reais ou imaginadas de um indivíduo judeu a todos os judeus, tratados como um grupo homogêneo, ignorando sua diversidade interna de identidades, posições políticas e experiências.

3. Atribuições conspiratórias de poder aos judeus: Diferentemente de outras formas de racismo que retratam grupos minoritários como inferiores, o antissemitismo frequentemente descreve os judeus como detentores de um poder excessivo, onipotente e opressivo. Essa categoria abrange teorias conspiratórias segundo as quais judeus controlariam a política, a economia, a mídia ou instituições internacionais com fins maléficis. Narrativas como a da “Grande Substituição” da raça branca, dos Protocolos dos Sábios do Sião ou do “Governo de Ocupação Sionista (ZOG)” são exemplos recorrentes desse tipo de discurso, que apresenta os judeus como uma ameaça existencial à sociedade não judaica, agindo de maneira coordenada, oculta e global.

4. Antissionismo: Refere-se a formas de antissemitismo que se manifestam por meio de ataques a Israel e ao sionismo nos quais são projetados sobre o Estado símbolos, imagens e estereótipos próprios do antissemitismo clássico, como a associação a forças do mal, acusações essencializadoras de racismo ou sectarismo, ímpeto de exploração, apropriação ou parasitismo, assassinato de crianças como expressão de uma natureza judaica ou sionista e narrativas conspiratórias de alcance global. Inclui a defesa aberta ou implícita de arranjos constitucionais alternativos ao Estado de Israel nos quais os judeus não possam existir ou se autodeterminar enquanto indivíduos ou coletividade. Abrange, ainda, a responsabilização coletiva de judeus pelas ações do Estado de Israel, o tratamento de indivíduos judeus como agentes de Israel em razão de sua identidade judaica, o uso do termo “sionista” como eufemismo ou substituto para o termo “judeu” e a exigência de que judeus condenem publicamente Israel ou o sionismo como condição para sua aceitação moral ou política. Slogans políticos como “Palestina Livre” não são antissemitas a priori, mas passam a ser considerados quando dirigidos diretamente a indivíduos, grupos ou instituições judaicas visando à sua intimidação. Críticas a políticas do governo israelense não é antissemitismo.

5. Exaltação e afirmação de indivíduos e grupos antissemitas: Inclui manifestações positivas em relação a figuras, grupos, regimes ou ideologias historicamente associados ao ódio contra judeus, com vistas à sua intimidação ou agressão. Abrange tanto organizações políticas extremistas quanto grupos fundamentalistas religiosos cuja ideologia incorpora elementos antissemitas. A exaltação de grupos terroristas como Hamas, Hezbollah, Jihad Islâmica e os Houthis, enquadra-se nesta categoria pois a justificação ideológica de sua atuação ultrapassa a disputa política ou territorial e se baseia em uma visão de mundo na qual “o judeu” é apresentado como inimigo absoluto, associado a um mal inerente e irreconciliável, contra o qual a violência é legitimada e concebida como dever moral ou religioso.

6. Exaltação, afirmação e instrumentalização do nazismo: Essa categoria reúne todas aquelas expressões que usam referências ao nazismo ou a elementos da sua retórica com o ânimo explícito ou implícito de agressão a judeus. Ela opera em duas vertentes principais. A primeira é a analogia nazista, que inverte a realidade histórica do Holocausto ao equiparar judeus ou o Estado de Israel aos nazistas, produzindo uma vitimização reversa que demoniza Israel e relativiza os crimes do nazismo. A segunda vertente é a afirmação ou exaltação, direta ou “codificada”, do nazismo. Ela é caracterizada pelo uso positivo de símbolos, saudações, linguagem ou ideologia do Terceiro Reich com o objetivo de intimidar judeus ou expressar apoio ou concordância com o seu extermínio. Inclui ainda a negação e banalização do Holocausto (muitas vezes expressada simultaneamente com a sua glorificação). Em todos estes casos, o trauma específico da tentativa de extermínio do povo judeu, justificado por uma visão de mundo particularmente hostil aos judeus, é instrumentalizado contra as suas vítimas históricas, visando causar o máximo de dor e ofensa.



O gráfico demonstra a incidência das diferentes categorias de conteúdo antissemita identificadas nos casos denunciados. A análise indica que o **antissemitismo disfarçado de antissionismo constitui a categoria mais recorrente**, presente em **696 registros (70,8% da amostra)**. Lembramos aqui que críticas ao Governo de Israel não são classificadas como antissemitismo. Em seguida, destacam-se as **essencializações e generalizações** — que atribuem características homogêneas e negativas aos judeus enquanto grupo — com **512 registros (52,1%)**, e os **atos de fala agressivos**, que incluem insultos, ameaças e incitação direta à violência, com **504 registros (51,3%)**. As **menções ou afirmações relacionadas ao nazismo** também apresentam incidência relevante, com **337 casos (34,3%)**, seja por analogias históricas distorcidas, seja por exaltação explícita de símbolos ou ideologias nazistas. Outras categorias mantêm presença expressiva, como as **atribuições conspiratórias de poder aos judeus (232; 23,6%)**, que os retratam como agentes ocultos de controle político, econômico ou midiático, e a **exaltação de indivíduos ou grupos antissemitas (208; 21,2%)**, indicando a persistência de narrativas ideológicas estruturadas.

Antissemitismo como “grande narrativa” sobre os judeus

Os dados analisados convergem com a caracterização proposta por BECKER et al. (2024) em *Decoding Antisemitism*, segundo a qual **o discurso antissemita não se configura como um conjunto isolado de ofensas episódicas, mas como uma rede de estereótipos interligados que, articulados entre si, formam uma “grande narrativa” sobre os judeus.** Nessa estrutura cognitiva, as acusações raramente aparecem de modo independente; ao contrário, organizam-se em constelações nas quais **um estereótipo serve de base para a ativação de outros.** Imputações como ganância, sede de poder, engano, conspiração e dominação global são encadeadas de forma a produzir aparência de coerência lógica, por meio de falsas conexões e paralogismos que simulam racionalidade e evidência.

No mesmo sentido, o discurso antissionista e as acusações dirigidas ao Estado de Israel frequentemente operam dentro dessa rede ampliada de estereótipos, na qual “Israel” e “sionismo” funcionam como **códigos para a reatualização de tropos antissemitas tradicionais.**

Críticas políticas passam a ser associadas a narrativas que mobilizam acusações históricas — como a imputação de assassinato ritual de crianças ou a representação dos judeus como encarnação do mal absoluto —, bem como a teorias conspiratórias sobre controle global de governos e da mídia e equiparações do Estado judeu ao regime responsável pelo Holocausto. A sobreposição desses elementos gera uma **narrativa totalizante** que ultrapassa a crítica a políticas governamentais específicas e passa a questionar a própria legitimidade do Estado de Israel, frequentemente atingindo os judeus de forma ampla. **A aglutinação de categorias reforça a coerência interna da narrativa e amplia seu potencial mobilizador,** ao reduzir conflitos complexos a esquemas morais binários e construir uma representação essencializada e descontextualizada, na qual **diferentes elementos simbólicos se reforçam mutuamente em um processo de demonização.**

ESTUDOS DE CASOS DENUNCIADOS

6 de janeiro de 2025

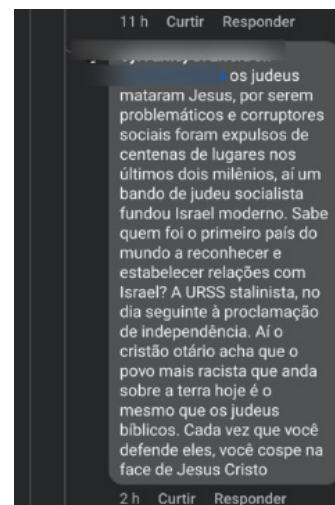
Comentário de intolerância religiosa no Facebook

Descrição: Um usuário publicou um texto culpando os judeus pela morte de Jesus, chamando-os de “corruptores sociais”, associando a fundação de Israel a “judeus socialistas” e afirmando que defender judeus é “cuspir na face de Jesus”.

Ambiente: Online

Tipo de Ação: Incitação ao ódio - Comentário público que promove hostilidade contra judeus enquanto grupo, com base em acusações religiosas, morais e políticas, sem alvo individual definido.

Conteúdo antissemita: Essencializações e generalizações - Atribuição de características morais negativas (“corruptores sociais”) aos judeus como coletividade; Antissionismo antissemita - Associação da existência do Estado de Israel a uma conspiração ideológica judaica, com deslegitimação da autodeterminação judaica; Atribuições de poder aos judeus - Construção de narrativa conspiratória que apresenta judeus como agentes coletivos responsáveis por eventos históricos e políticos globais.



28 de janeiro de 2025

Vandalismo em Cemitério Judaico em Porto Alegre

Descrição: Carcaças de porcos foram deixadas em frente ao portão de um cemitério judaico, atingindo diretamente um espaço religioso e comunitário.

Ambiente: Offline

Tipo: Vandalismo — Ação de profanação simbólica e material de espaço religioso judaico, com potencial intimidatório e ofensivo à comunidade.

Conteúdo antissemita: Agressão Verbal (simbólica) — Uso de símbolo considerado impuro na tradição judaica como forma de

desrespeito coletivo à identidade religiosa; Exaltação e afirmação de indivíduos ou grupos antissemitas — Emprego de prática recorrente em repertórios históricos de intimidação e hostilidade antissemita contra espaços judaicos.



8 de fevereiro de 2025

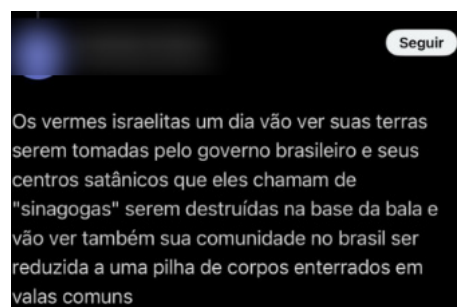
Ameaça de extermínio e desumanização

Descrição: Perfil no Twitter publicou mensagem chamando judeus de “vermes”, classificando sinagogas como “centros satânicos” e afirmando que seriam “destruídas na base da bala”, além de declarar que a comunidade judaica seria reduzida a uma “pilha de corpos enterrados em valas comuns”.

Ambiente: Online

Tipo: Incitação ao ódio — Discurso público que promove desumanização, ameaça violência armada e extermínio coletivo contra judeus enquanto grupo.

Conteúdo antissemita: Atos de fala agressivos — Ameaça explícita de violência extrema e eliminação física coletiva. Essencializações e generalizações — Desumanização dos judeus (“vermes”) e tratamento da comunidade judaica como alvo homogêneo; Exaltação simbólica da violência antissemita — Legitimação discursiva da destruição de espaços religiosos e do assassinato em massa.



10 de fevereiro de 2025

Símbolo nazista em formatura universitária

Descrição: Jovem compareceu a uma formatura universitária em Porto Alegre com uma suástica desenhada no rosto. Apesar de alegar tratar-se de um “símbolo indígena”, a escolha de música associada a circuitos neonazistas reforça a intencionalidade do gesto.

Ambiente: Offline

Tipo: Incitação ao ódio — Exibição pública de símbolo associado ao regime nazista em contexto institucional, com potencial de intimidação e normalização de ideologia antissemita.

Conteúdo antissemita: Menções ou afirmações do nazismo — Uso explícito de símbolo nazista, historicamente ligado à perseguição e ao genocídio de judeus, em contexto que reforça sua conotação ideológica.



22 de março de 2025

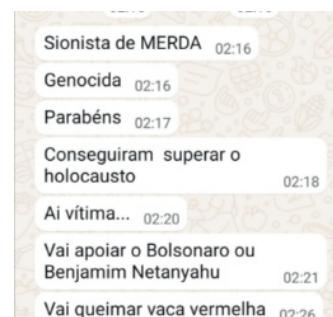
Agressão verbal em grupo de ex-colegas

Descrição: Em grupo de WhatsApp de ex-colegas de escola, integrante dirigiu ofensas a mulher judia, chamando-a de “sionista de merda”, “genocida” e “vaca”, afirmando que “fizeram pior que o Holocausto” e proferindo a ameaça “você vai queimar”.

Ambiente: Online

Tipo de Ação: Agressão verbal (oral ou escrita) — Ofensas reiteradas e ameaça dirigida a indivíduo identificado como judeu, com linguagem intimidatória e desumanizante.

Conteúdo antissemita: Atos de fala agressivos — Insultos, humilhação e ameaça explícita; Antissionismo antissemita — Uso do termo “sionista” como xingamento e responsabilização moral absoluta associada a Israel; Menções ou afirmações do nazismo — Comparação distorcida e banalização do Holocausto como forma de ataque e intimidação.



12 de maio de 2025

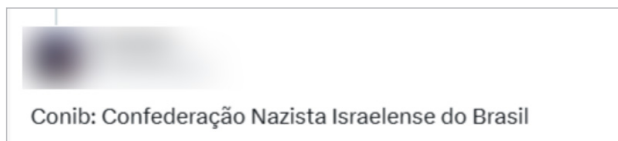
Associação da Conib ao Nazismo

Descrição: Uma postagem no Twitter referiu-se à entidade judaica como «Conib: Confederação Nazista Israelense do Brasil».

Ambiente: Online

Tipo de Ação: Atos de fala agressivos - Declaração pública que demoniza instituição judaica por meio de associação difamatória ao nazismo.

Conteúdo antissemita: Menções ou afirmações do nazismo — Uso de analogia nazista para atacar e deslegitimar instituição judaica; Essencializações e generalizações — Atribuição implícita de “dupla lealdade” e de identidade estrangeira a organização judaica brasileira, tratando-a como inerentemente vinculada a interesses externos; Antissionismo antissemita — Demonização de entidade associada à representação da comunidade judaica, responsabilizando-a pelas ações do Estado de Israel.



21 de maio de 2025

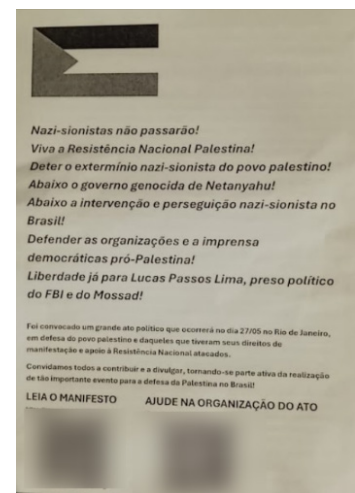
Panfleto universitário com teorias conspiratórias

Descrição: Panfleto distribuído em universidade convocava para ato contra “nazi-sionistas” e afirmava que um indivíduo preso seria um “preso político do FBI e do Mossad”.

Ambiente: Offline

Tipo de Ação: Incitação ao ódio — Material distribuído em espaço público que difunde hostilidade coletiva e narrativas conspiratórias associadas a judeus e ao sionismo.

Conteúdo antissemita: Antissionismo antissemita — Uso do termo “nazi-sionistas” para demonizar Israel e o sionismo por meio de analogia extrema; Atribuições de poder aos judeus — Teoria conspiratória que associa serviços de inteligência e estruturas de poder global a uma suposta ação coordenada judaica; Menções ou afirmações do nazismo — Emprego de referência ao nazismo como instrumento de difamação e inversão histórica.



23 de maio de 2025

Cartaz em estabelecimento comercial

Descrição: Hamburgueria em São Paulo exibiu, no balcão, desenho com a frase “BURN ZIONISM TO THE GROUND” (“Queime o sionismo até as cinzas”), acompanhado da imagem de uma bandeira de Israel em chamas.

Ambiente: Offline

Tipo de Ação: Incitação ao ódio — Exibição pública de mensagem que legitima a destruição simbólica de Israel, com potencial de estimular hostilidade contra judeus associados ao Estado.

Conteúdo antissemita: Antissionismo antissemita — Demonização de Israel e do sionismo por meio de linguagem que convoca à destruição, extrapolando a crítica política legítima; Atos de fala agressivos — Uso de linguagem que incita violência simbólica e hostilidade coletiva.



1 de junho de 2025

Pichação em frente à instituição judaica

Descrição: Casal foi flagrado pintando uma bandeira da Palestina e a frase “Palestina Viva” em poste localizado diretamente em frente a uma sinagoga e à sede de um movimento juvenil judaico em Porto Alegre.

Ambiente: Offline

Tipo de Ação: Vandalismo — Intervenção em espaço público com mensagem de caráter político dirigida a local de culto e instituição judaica, com potencial de intimidação simbólica.

Conteúdo antissemita: Antissionismo antissemita — Embora a frase isolada seja uma manifestação política legítima, o ato de marcar deliberadamente a frente de uma instituição judaica visa intimidar a comunidade local, responsabilizando-os pelo conflito externo.



5 de junho de 2025

Adesivos em frente a Sinagoga

Descrição: Adesivos foram colados em frente a uma sinagoga no Rio de Janeiro contendo uma estrela de Davi com uma caveira no centro e a frase «Este produto apoia o genocídio em Gaza».

Ambiente: Offline

Tipo de Ação: Vandalismo — Fixação de material em espaço religioso com mensagem acusatória e simbologia hostil dirigida à comunidade judaica.

Conteúdo antissemita: Antissionismo antissemita — Responsabilização coletiva de judeus por ações atribuídas ao Estado de Israel e uso dessa associação para estigmatizar instituição religiosa; Atos de fala agressivos — Uso de linguagem acusatória e simbologia intimidatória (estrela de Davi associada à morte).



Manifestação em frente à Federação Israelita do Rio Grande do Sul



Descrição: Uma manifestação realizada em frente à sede da instituição. O protesto foi registrado na segunda-feira (9), em Porto Alegre, por manifestantes com cartazes e faixas. Os manifestantes gritavam “do rio ao mar, Palestina livre já”, em referência à destruição do Estado de Israel, e seguravam um cartaz escrito “Viva a Resistência Palestina”, com imagem de um terrorista do Hamas.

Tipo de Ação: Incitação ao ódio — Manifestação pública em frente a instituição judaica com exaltação de organização antissemita, produzindo intimidação simbólica dirigida à comunidade.

Conteúdo antissemita: Antissionismo antissemita — Transferência do conflito envolvendo Israel para uma instituição judaica local, responsabilidade a comunidade pelas ações de um ator estatal ou militar; Exaltação e afirmação de indivíduos ou grupos antissemitas — Enaltecimento do Hamas, organização cuja ideologia e prática incluem elementos antissemitas.

29 de julho de 2025

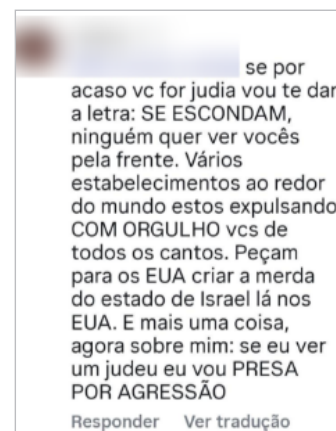
Desejo de eliminação

Descrição: Um usuário respondeu à postagem de uma judia afirmando que «o mundo vai eliminar os judeus» e expressou o desejo de que isso aconteça «com sofrimento».

Ambiente: Online

Tipo de Ação: Agressão verbal (oral ou escrita) — Mensagem dirigida a indivíduo identificado como judeu contendo desejo explícito de extermínio coletivo.

Conteúdo antissemita: Atos de fala agressivos — Desejo explícito de morte e sofrimento; Essencializações e generalizações — Tratamento dos judeus como grupo homogêneo e alvo legítimo de eliminação.



15 de agosto de 2025

Vandalismo no Cemitério Israelita de Belo Horizonte

Descrição: Indivíduo pichou os muros lateral e frontal do cemitério com suásticas nazistas, frases como “Israel genocida” e “assassinos”, além de comparar a estrela de Davi à suástica. Após as pichações, arremessou latas de tinta spray para o interior do local. Parte da ação foi registrada por câmeras de segurança.

Ambiente: Offline

Tipo de Ação: Vandalismo — Danificação e profanação de espaço funerário judaico acompanhadas de mensagens e símbolos de hostilidade antissemita.

Conteúdo Antissemita: Menções ou afirmações do nazismo — Uso de suásticas e comparação direta entre a estrela de Davi e



a simbologia nazista; Antissionismo antissemita — Demonização de Israel por meio de acusações absolutas e analogias extremas e responsabilização coletiva dos judeus de Belo Horizonte pelas ações do Estado de Israel.

2 de setembro de 2025

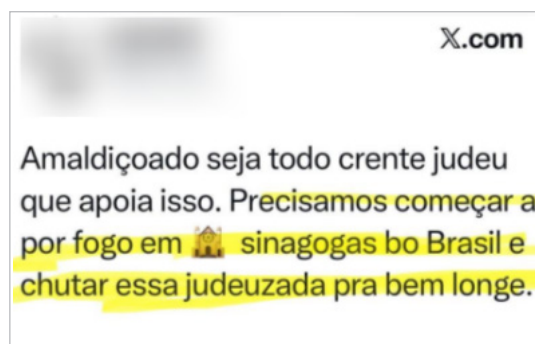
Convocação para incendiar sinagogas

Descrição: Um usuário publicou na rede social X uma mensagem afirmando que “amaldiçoado seja todo crente judeu» e incitando explicitamente a violência com a frase: «Precisamos começar a por fogo em sinagogas no Brasil e chutar essa judezada pra bem longe”.

Ambiente: Online

Tipo de Ação: Incitação ao ódio — Publicação que amaldiçoa judeus enquanto grupo e convoca diretamente a ataques contra sinagogas e expulsão de pessoas identificadas como judias.

Conteúdo antissemita: Atos de fala agressivos — Maldição, insultos e incitação direta à violência física e à expulsão coletiva; Essencializações e generalizações — Tratamento dos judeus como grupo homogêneo e alvo legítimo de violência.



25 de setembro de 2025

Vandalismo em Beit Chabad (Itacaré)

Descrição: O centro judaico Beit Chabad em Itacaré (BA) foi vandalizado com uma pichação vermelha nas janelas com os dizeres «Palestina Livre».

Ambiente: Offline

Tipo de Ação: Vandalismo — Danificação de instituição religiosa judaica com mensagem política direcionada ao local, produzindo intimidação simbólica.

Conteúdo antissemita: Antissionismo antissemita — Transferência do conflito envolvendo Israel para uma instituição judaica local, tratada como representante do Estado ou de sua política.



7 de outubro de 2025

Celebração de massacre

Descrição: Foi organizada uma manifestação/evento por um partido político para “celebrar” o aniversário do massacre de 7 de outubro, caracterizando a ação como “guerra de resistência”.

Ambiente: Offline

Tipo de Ação: Incitação ao ódio — Evento público que legitima e celebra ataque violento contra civis israelenses, perpetrado por um grupo antissemita, contribuindo para a normalização da violência contra judeus.

Conteúdo antissemita: Exaltação e afirmação de indivíduos ou grupos antissemitas — Legitimação e celebração de ação perpetrada pelo Hamas, organização cuja ideologia e prática incluem elementos antissemitas; Antissionismo antissemita — Justificação de violência extrema contra civis associados ao Estado de Israel como forma legítima de ação política.



13 de novembro de 2025

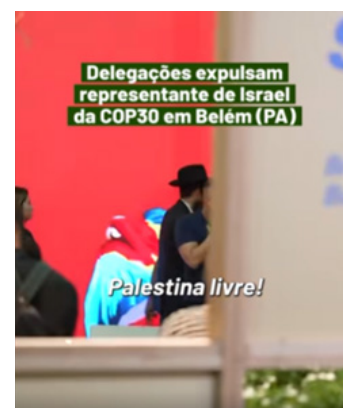
Hostilidade na COP (Conferência do Clima)

Descrição: Um rabino foi hostilizado na COP ao buscar colocar tefilin (artefato religioso) em participantes judeus, sendo tratado e repellido como se fosse um «representante de Israel» ou do governo israelense por manifestantes pró-palestinos.

Ambiente: Offline

Tipo de Ação: Agressão verbal (oral ou escrita) — Hostilização e constrangimento dirigidos a indivíduo identificado como judeu em razão de sua identidade religiosa e de associações políticas atribuídas a ele.

Conteúdo antissemita: Antissionismo antissemita — Transferência de hostilidade política dirigida a Israel para um indivíduo judeu em contexto religioso.



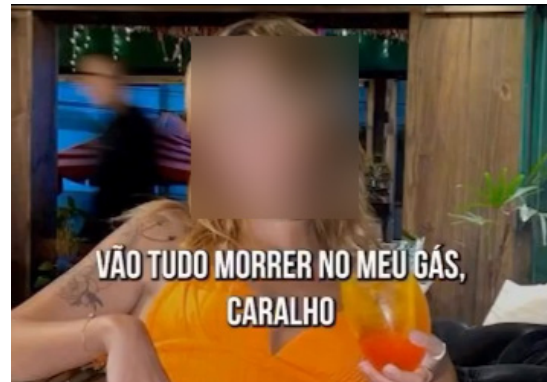
29 de Novembro de 2025

Áudio vazado de influenciadora

Descrição: Áudio divulgado em redes sociais registra influenciadora afirmando que “adoraria ver sionistas em campos de concentração”, referindo-se a “judeus desgraçados” e declarando que, em um eventual governo seu, haveria “gulag e campo de concentração para judeus e sionistas”.

Ambiente: Online

Tipo de Ação: Incitação ao ódio — Declarações públicas que defendem a prisão em massa e o confinamento de judeus e sionistas em campos, legitimando violência extrema e perseguição coletiva. Conteúdo antissemita: Atos de fala agressivos — Defesa explícita de confinamento e perseguição violenta de judeus, acompanhada de insultos; Menções ou afirmações do nazismo — Referência positiva à ideia de campos de concentração como instrumento desejável contra judeus; Antissionismo — Uso do termo “sionistas” como alvo coletivo de violência, e responsabilização coletiva dos judeus pelas ações de Israel.



25 de dezembro de 2025

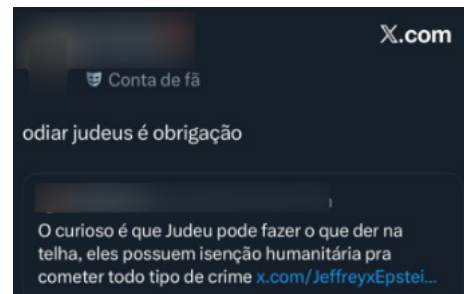
Obrigação de odiar

Descrição: Uma usuária postou no X a frase «odiar judeus é obrigação», respondendo a uma alegação de que judeus teriam impunidade para crimes.

Ambiente: Online

Tipo de Ação: Incitação ao ódio — Declaração pública que legitima e incentiva a hostilidade contra judeus enquanto grupo.

Conteúdo antissemita: Atos de fala agressivos — Defesa explícita do ódio dirigido a judeus. Essencializações e generalizações — Atribuição coletiva de características negativas e tratamento dos judeus como grupo homogêneo.



ATUAÇÃO JURÍDICA DA CONIB EM 2025

Com a dedicação de mais de **45 advogados voluntários e mais de 2 mil horas de trabalho nos últimos 12 meses**, a Comissão Jurídica da Confederação Israelita do Brasil – CONIB consegue transformar denúncias em resultados concretos. Por meio do recebimento, análise e criteriosa triagem de denúncias, adota as medidas jurídicas cabíveis para cada caso, notificando as autoridades competentes e acompanhando ações regularmente.

Em 2025, 150 denúncias recebidas pelos canais da CONIB e do DSC foram encaminhadas para o departamento jurídico para avaliação e providências.

Desde 7 de outubro de 2023, ao menos 60 casos foram noticiados à Polícia ou ao Ministério Público.

Há ações em curso em grande parte dos Estados federativos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Amazonas, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Distrito Federal.

Em média, a cada 3 meses ocorreu uma condenação por antissemitismo, nos últimos 24 meses.

Até 2024, a cada 4 casos de antissemitismo levados ao conhecimento das autoridades, ao menos 1 gerou condenação ou celebração de acordo de não persecução penal. **Em 2025, foi fixado pelo Supremo Tribunal Federal importante precedente de que não cabe o acordo de não persecução penal em casos de racismo contra judeus, em ação que contou com a atuação do time jurídico da CONIB.**

Acesse a atuação jurídica da CONIB na íntegra na versão completa do Relatório Anual sobre Antissemitismo 2025 [AQUI](#) ou no QR Code ao lado.



PESQUISA INTRACOMUNITÁRIA

Percepções da Comunidade Judaica sobre Identidade, Vivência e Antissemitismo no Brasil

A pesquisa *Percepções da Comunidade Judaica sobre Identidade, Vivência e Antissemitismo no Brasil* foi concebida como um estudo descritivo-exploratório com o objetivo de mapear, de forma sistematizada, como judeus residentes no Brasil percebem sua segurança, pertencimento social e institucional, e suas experiências recentes relacionadas ao antissemitismo.

O estudo foi realizado em um contexto particularmente sensível, posterior aos eventos de 7 de outubro de 2023, que impactaram significativamente o debate público nacional e internacional, intensificando tensões políticas, identitárias e discursivas. Nesse cenário, tornou-se estratégico produzir um diagnóstico interno qualificado, capaz de subsidiar ações institucionais, formulação de políticas públicas e posicionamentos estratégicos no debate público.

A amostra final consolidada totaliza **1.427 respostas válidas**.

Os dados foram tratados por estatística descritiva. Por tratar-se de amostragem não probabilística, os resultados têm caráter descritivo-exploratório.

Principais achados

Vivência e exposição ao antissemitismo: fenômeno multifacetado, e percebido em ambientes diversos

Vivenciou ou presenciou episódio antissemita (nos últimos 12 meses)?

- 37,84%** Sim, ouvi/vi comentário ou presenciei indiretamente.
- 20,41%** Não tenho certeza. Prefiro não responder.
- 19,23%** Soube de ataque com alguém próximo.
- 13,87%** Fui alvo direto.
- 8,66%** Fui testemunha de ataque a outra pessoa/grupo.

Ambientes digitais constituem o principal vetor contemporâneo para disseminação de antissemitismo

Ambientes digitais vs Exposição ao antissemitismo

92,64%	1.322	Acessam redes diariamente.
57,60%	822	Viram ataques contra outras pessoas.
12,68%	181	Foram alvo direto.
52,49%	749	Relatam exposição quase diária.

A omissão identitária revela impacto relevante na vivência do judaísmo e na afirmação de pertencimento comunitário

Receio ser identificado como judeu

(Omissão de identidade nos últimos 12 meses)

43,10%	615	Nunca sentiram necessidade.
27,54%	393	Relatam casos com pessoas próximas.
17,52%	250	Já pensaram em omitir.
22,42%	320	Já omitiram sua identidade por receio.
2,94%	42	Não responderam.

Percepção sobre o antissemitismo no Brasil

Na sua opinião, o antissemitismo é um problema no Brasil atualmente?

69,9%	997	Sim, é um problema grave.
26,9%	384	Sim, é um problema, mas não grave.
2,5%	35	Não, não é um problema.
0,8%	11	Não sei. / Prefiro não responder.

ANTISSEMITISMO NO AMBIENTE ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO

“No colégio da minha filha, numa turma com crianças de 8 anos [...], chamou-a de ‘porca judia’...”

PERDAS DE AMIGOS, LAÇOS FAMILIARES E RELAÇÕES SOCIAIS

“Uma pessoa tinha medo de falar para os próprios amigos que estava noiva de um israelense porque sabia que chamariam ele de genocida...”

ACUSAÇÕES DE NAZISMO, GENOCÍDIO E ATAQUES AO SIONISMO

“[...] fui abordada aos berros por uma pessoa me chamando de genocida e dizendo que eu e todo meu povo deveríamos morrer.”

AGRESSÕES VERBAIS DIRETAS, XINGAMENTOS E AMEAÇAS

“[...] vizinho alegou ter um forno para queimar judeus em casa.”

AGRESSÕES FÍSICAS, INTIMIDAÇÃO E PERSEGUIÇÃO

“Uma pessoa tirou a kipá de um amigo que estava caminhando no bairro dos Jardins em São Paulo.”

Indicadores de confiabilidade institucional

Observa-se elevado nível de confiança nas instituições comunitárias, revelando a importância da atuação dedicada e consistente delas, bem como o reconhecimento das estruturas existentes.

Confiabilidade – A importância da estrutura comunitária



74,25% Confiar totalmente.
19,34% Confiar em parte.
1,12% Não confiam.

Federadas

70,70% Confiar totalmente.
18,57% Confiar em parte.
4,13% Não confiam.



66,92% Confiar totalmente.
17,37% Confiar em parte.
1,68% Não confiam.

Projeção futura – Percepções da comunidade judaica em relação ao antissemitismo nos próximos cinco anos

43,72% Acreditam que crescerá muito.
27,96% Acreditam que crescerá um pouco.
15,70% Acreditam que permanecerá igual.
4,34% Acreditam que diminuirá.

Síntese analítica

- O antissemitismo é percebido como problema grave e crescente.
- O ambiente digital tem sido vetor central para propagação do ódio antissemita, com reverberações online e offline.
- Há impactos subjetivos, como autocensura e omissão identitária, visando preservação da integridade emocional e física.
- Instituições comunitárias gozam de alta legitimidade.
- Há subnotificação relevante, multifatorial e reversível com aprimoramento dos fluxos.
- A expectativa futura é predominantemente pessimista.

Novo Normal?

A conclusão de consolidação de um “novo normal” — entendido como a estabilização do antissemitismo em patamares historicamente elevados, para além de picos conjunturais — encontra respaldo nas projeções da própria comunidade judaica.

A pesquisa intracomunitária indica que **a maioria dos respondentes acredita que o antissemitismo continuará a crescer nos próximos cinco anos, enquanto parcela expressiva avalia que o problema “permanecerá igual”**. Essa última resposta não sugere tranquilidade, mas percepção de que o fenômeno já se encontra estabilizado em um nível elevado. Apenas uma fração residual projeta redução do problema.

A combinação desse cenário prospectivo pessimista com a identificação de ameaças estruturais — como discurso de ódio online, hostilidade em universidades e desinformação na mídia — reforça a leitura de que a comunidade não interpreta o contexto atual como transitório. **A mudança na expectativa coletiva aponta para a necessidade de estratégias permanentes de monitoramento, prevenção e resiliência institucional.**

Ataque Antisemita à Pesquisa Intracomunitária

Entre 6 e 9 de janeiro de 2026, **o formulário de coleta de dados foi alvo de ataque coordenado, com 168 acessos não autorizados**. A análise dos metadados identificou padrão de sabotagem: 96 acessos partiram de um único identificador anônimo, 40 de um segundo e 21 de outros seis, indicando vazamento intencional do *link* restrito — provavelmente por aplicativos de mensagens como o WhatsApp — por ao menos oito pessoas, o que possibilitou ação antisemita massiva contra o instrumento de pesquisa.

Anti-fraude – Inválidos vs válidos

Total enviado 1.595

■ Válidos ■ Fraudes



As medidas de segurança digital implementadas na segunda fase da pesquisa impediram a invalidação dos dados pela invasão. Como efeito colateral, estima-se que 18 dos 168 acessos irregulares tenham sido de judeus que tentaram responder por meio de encaminhamento via WhatsApp; em razão dos protocolos adotados, essas respostas também foram desconsideradas. **Os demais 150 acessos configuraram sabotagem deliberada, com uso de campo aberto para ataques antisemitas coordenados.** As evidências foram encaminhadas às autoridades competentes.

A seguir, prints de algumas das mensagens deixadas pelos atacantes:

Lembro do Holocausto toda vez que vejo meu salário roubado por judeus!

Acho que a CONIB é uma bosta e todos vocês precisam morrer queimados na fogueira! Bando de judeu safado!

Shalom = Salário mínimo? Não, shalom = destruição mundial!

Israel não existe, é só terrorismo disfarçado!

Acho que a CONIB é uma bosta e todos vocês precisam morrer queimados na fogueira! Bando de judeu safado!

Lembro do Holocausto toda vez que vejo meu salário roubado por judeus!

Acho que a CONIB é uma bosta e todos vocês precisam morrer queimados na fogueira! Bando de judeu safado!

Acho que todas entidades no geral tem feito um bom trabalho, mas neste sentido considero o trabalho da Stand With Us excepcional

Israel não existe, é só terrorismo disfarçado!

Judeus usam WhatsApp pra coordenar roubos financeiros!

Cada judeu rico é família brasileira na rua!

Shabbat é quando planejam como roubar nossa semana!

Israel é tumor maligno no corpo do planeta!

Judeus transformam pão em dívida e alegria em miséria!

Sinagoga é covil de ratos financistas!

Israelenses são demônios com passaporte!

Queimem tora, é onde planejam nossa ruína econômica!

Shabbat é quando contam nosso dinheiro em shekels!

Torá é livro de receitas pra roubar trabalhadores!

Talmude ensina a matar goyim com sorriso!

Judeu ri do seu sofrimento enquanto conta nosso dinheiro!

Parem de fingir que são minoria, controlam 99% dos bancos!

Israel não existe, é só terrorismo disfarçado!

Parem de fingir que são minoria, controlam 99% dos bancos!

Israel não existe, é só terrorismo disfarçado!

Israel não existe, é só terrorismo disfarçado!

Acho que a CONIB é uma bosta e todos vocês precisam morrer queimados na fogueira! Bando de judeu safado!

Israel não existe, é só terrorismo disfarçado!

Acho que a CONIB é uma bosta e todos vocês precisam morrer queimados na fogueira! Bando de judeu safado!

Israel não existe, é só terrorismo disfarçado!

Shalom = Salário mínimo? Não, shalom = destruição mundial!

Shalom = Salário mínimo? Não, shalom = destruição mundial!

Shalom = Salário mínimo? Não, shalom = destruição mundial!

Lembro do Holocausto toda vez que vejo meu salário roubado por judeus!

Shalom = Salário mínimo? Não, shalom = destruição mundial!

Só atrapalham na verdade.

Shalom = Salário mínimo? Não, shalom = destruição mundial!

Lembro do Holocausto toda vez que vejo meu salário roubado por judeus!

Shalom = Salário mínimo? Não, shalom = destruição mundial!

Lembro do Holocausto toda vez que vejo meu salário roubado por judeus!

Acho que a CONIB é uma bosta e todos vocês precisam morrer queimados na fogueira! Bando de judeu safado!

Parem de fingir que são minoria, controlam 99% dos bancos!

Parem de fingir que são minoria, controlam 99% dos bancos!

PESQUISA PRESENÇA DO ANTISSEMITISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA 2026

AtlasIntel: pesquisa revela que 70% dos brasileiros se sentem totalmente à vontade em ter amigos judeus, mas a porcentagem cai para 50% entre os que se identificam como de esquerda

Nova pesquisa da AtlasIntel, realizada a pedido da StandWithUs Brasil entre 11 e 28 de fevereiro de 2026, revela um quadro complexo e ambivalente da percepção da sociedade brasileira sobre discurso de ódio, preconceitos, judeus, Israel e o sionismo.

Entre os diversos indicadores analisados, um dado se destaca como particularmente revelador do nível de preconceito latente presente na sociedade brasileira: **70%** dos entrevistados se sentiriam totalmente à vontade em ter um amigo judeu (porcentagem que, embora majoritária, não deixa de ser reveladora da parcela da sociedade que não aceitaria um judeu como amigo), mas a porcentagem se reduz a **50%** entre pessoas de esquerda.

É alarmante a revelação de que uma parcela significativa da sociedade – que aumenta consideravelmente no caso das pessoas de esquerda, refletindo a polarização ideológica – extrapole seus preconceitos políticos contra Israel, o sionismo e os judeus para o plano das relações pessoais e afetivas.

O quanto você concorda com a seguinte afirmação?

■ Concordo totalmente
 ■ Concordo em parte
 ■ Não concordo, nem discordo
 ■ Discordo em parte
 ■ Discordo totalmente

Eu me sentiria à vontade em ter amigos judeus.



Principais achados

Um dado relevante da pesquisa aparece justamente no experimento de lista que mede concordância latente com a afirmação de que os judeus não aprenderam com os erros do passado. Essa formulação desloca o sofrimento histórico do povo judeu marcado por perseguições, expulsões, pogroms e pelo Holocausto para uma espécie de julgamento moral coletivo sobre

os próprios judeus.

Tal narrativa possui raízes profundas no imaginário antissemita. Historicamente, uma das estratégias do antissemitismo foi justamente transformar a vítima em culpada, sugerindo que os judeus seriam responsáveis por sua própria perseguição ou que não teriam aprendido “lições morais” de sua história.

O fato de essa percepção aparecer em proporções tão elevadas quando captada por métodos indiretos sugere que o preconceito pode ser significativamente mais difundido do que as respostas explícitas indicam.

Apesar desse dado alarmante, a pesquisa também revela elementos importantes de aceitação social.

A seguir, marque com quantos itens você concorda, sem especificar quais.

Se identifica com 4 itens.



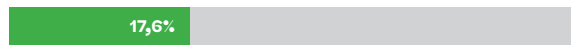
Se identifica com 3 itens.



Se identifica com 2 itens.



Se identifica com 1 item.



0 10% 20% 30% 40% 50%

AFIRMATIVAS:

- a) Procuo participar de atividades que me ajudam a desenvolver meu bem-estar físico e mental.
- b) Gosto de me envolver em projetos ou hobbies que me desafiem intelectualmente.
- c) Tenho interesse em conhecer diferentes culturas e tradições para expandir minha visão de mundo.
- d) Costumo acompanhar conteúdos que aumentam minha compreensão sobre história e eventos passados.

Se identifica com 4 itens.



Se identifica com 3 itens.



Se identifica com 5 itens.



Se identifica com 2 itens.



Se identifica com 1 item.



0 15% 30% 45% 60%

AFIRMATIVAS:

- a) Procuo participar de atividades que me ajudam a desenvolver meu bem-estar físico e mental.
- b) Gosto de me envolver em projetos ou hobbies que me desafiem intelectualmente.
- c) Tenho interesse em conhecer diferentes culturas e tradições para expandir minha visão de mundo.
- d) Os judeus parecem não ter aprendido com o que sofreram no passado.
- e) Costumo acompanhar conteúdos que aumentam minha compreensão sobre história e eventos passados.

Esse resultado foi obtido por meio de um experimento de lista, técnica metodológica utilizada para captar opiniões sensíveis que muitas vezes não são expressas diretamente pelos entrevistados. Ao reduzir o constrangimento social da resposta, tal método permite revelar percepções latentes que normalmente permanecem ocultas em pesquisas tradicionais.

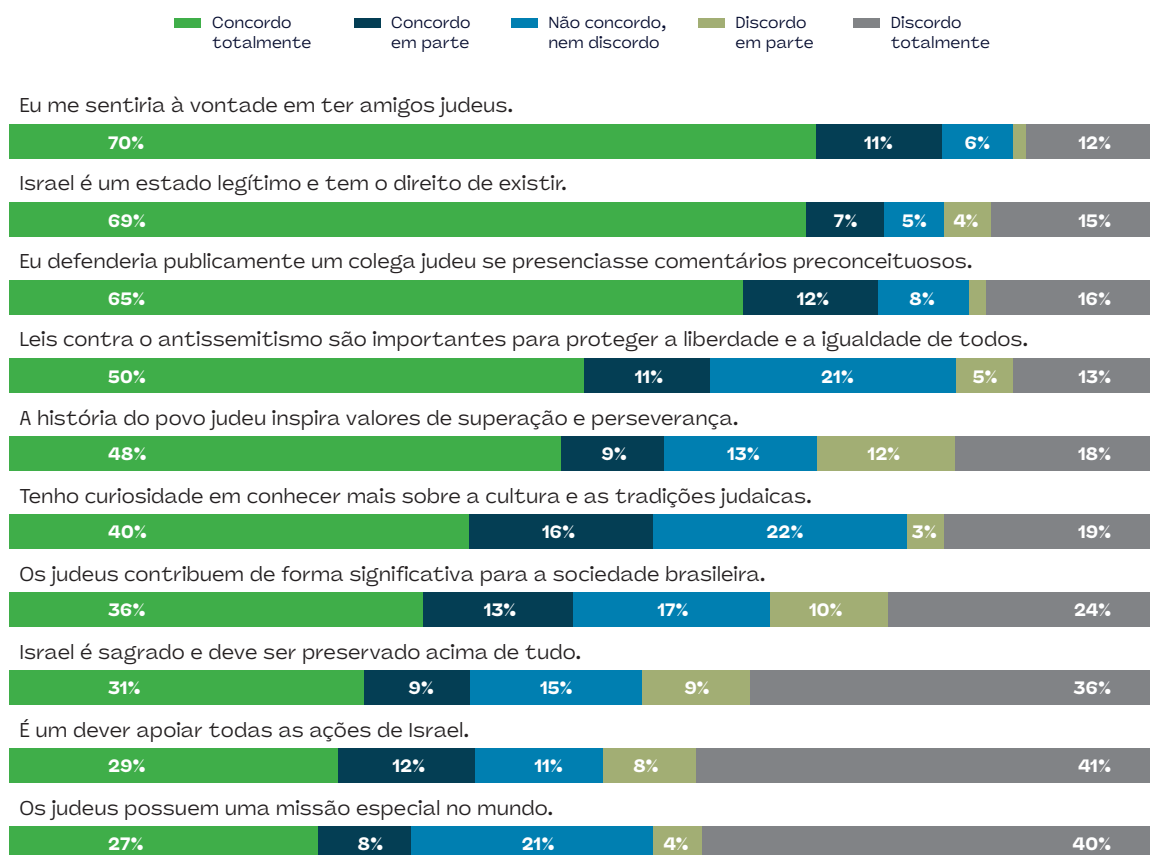
O resultado indica que a percepção social sobre os judeus no Brasil não se limita a estereótipos clássicos, mas também inclui um processo de culpabilização moral pelo próprio sofrimento histórico judaico — um elemento recorrente na tradição do antissemitismo.

Nesse sentido, a pesquisa aponta para três eixos centrais. O primeiro é a existência de uma zona cinzenta relevante, em que parcelas expressivas da população deixam de reconhecer conteúdos antissemitas como preconceito e passam a classificá-los como “crítica legítima”, “opinião” ou algo “dependente do contexto”. O segundo é a evidência de baixo letramento social sobre o antissemitismo, sobretudo quando ele assume formas mais sofisticadas ou politizadas. O terceiro é a assimetria entre a percepção dos judeus enquanto grupo humano e a percepção de Israel e do sionismo enquanto referências políticas e identitárias.

De forma geral, a pesquisa indica que a opinião pública brasileira não se organiza apenas entre posições claramente favoráveis ou contrárias aos judeus ou a Israel. O que emerge é uma combinação de aceitação interpessoal, desinformação histórica, hesitação conceitual e permissividade diante de determinadas narrativas hostis ou mesmo de claros tropos antissemitas.

As respostas dos entrevistados a afirmações sobre o judaísmo e os judeus mostram uma coincidência significativa na porcentagem entre os que acreditam que Israel é um Estado legítimo e tem direito a existir e os dizem que se sentiriam à vontade em ter amigos judeus. A coincidência sugere uma associação, que deverá ser estudada mais profundamente, entre opiniões políticas e atitudes pessoais no campo da vida afetiva.

O quanto você concorda com as seguintes afirmações?

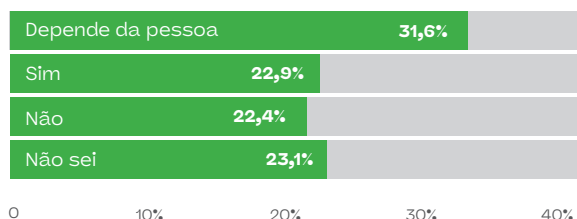


Entre os entrevistados, **70%** afirmam que se sentiriam totalmente à vontade em ter amigos judeus, **69%** concordam totalmente que Israel é um Estado legítimo e tem direito de existir, **75%** afirmam que defenderiam publicamente um colega judeu diante de comentários

preconceituosos, e **61%** apoiam leis contra o antissemitismo.

Entretanto, apenas **22,4%** dizem que não se sentiriam confortáveis em ter um vizinho, colega ou amigo sionista. A maior parcela responde “depende da pessoa” (**31,6%**), e **23,1%** dizem não saber.

Você se sentiria à vontade em ter como vizinho, colega ou amigo uma pessoa que se identifica como sionista?

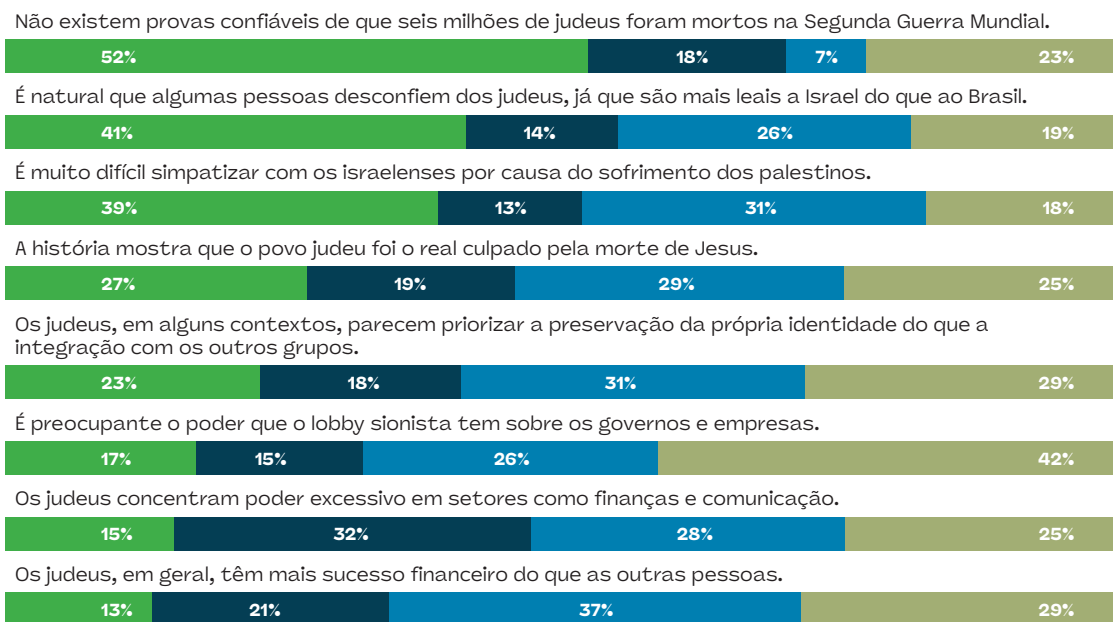


Os dados indicam que o termo “sionista” gera mais hesitação, confusão ou desconfiança do que o termo “judeu”, sugerindo uma lacuna de compreensão sobre o conceito.

Esse quadro ajuda a entender como o antissemitismo contemporâneo pode se manifestar: menos como hostilidade direta contra judeus e mais como deslegitimação do vínculo entre judeus, Israel e a autodeterminação nacional judaica. Isso não significa que toda crítica a Israel seja antissemita, mas mostra que a rejeição ao sionismo pode, em muitos casos, funcionar como uma forma socialmente aceitável de hostilidade contra judeus identificados com esse aspecto central da identidade judaica contemporânea.

Na bateria de perguntas sobre estereótipos históricos, uma parcela relevante dos entrevistados não identifica como preconceito ideias tradicionalmente associadas ao imaginário antissemita.

As frases abaixo refletem opiniões que circulam na sociedade. Indique como você classifica essas ideias.



Entre as afirmações que uma parcela significativa da população considera “opiniões legítimas”, não preconceituosas, misturam-se tropos do antissemitismo cristão medieval (os judeus são deicidas, “eles mataram Jesus”); do antissemitismo europeu da época do julgamento do capitão Alfred Dreyfus (“os judeus não são leais ao próprio país”); do antissemitismo da Rússia dos czares e dos “Protocolos dos Sábios de Sião” (a ideia do “poder financeiro dos judeus”, o estereótipo do judeu rico e poderoso, que também “controla os meios de comunicação”) e sua forma contemporânea: o “lobby sionista sobre governos e empresas”. Esse último caso mostra como uma forma de antissemitismo do final do século XIX, que sustentou parte do discurso nazista no século XX, é reciclada hoje como “antissionismo”.

Todas essas representações fortalecem a aversão direcionada aos israelenses. Herdeiros do ódio antijudaico, eles são, a um só tempo, percebidos como ricos, influentes e capazes de tudo (até a morte de Jesus) diante de um outro lado que só pode ser visto, então, como mais fraco.

Adiciona-se, ainda, ao conflito israelo-palestino, outra crença ancestral, usada da Idade Média à primeira metade do século XX, segundo a qual judeus são praticantes do infanticídio. Por mais ingênuos e antiquados que tais pensamentos pré-ciência parecem ser, a pesquisa indica que ecos deles continuam a aparecer entre as convicções de brasileiros hoje em dia.

Entre os resultados observados:

- **28%** classificam como “opinião legítima” a frase de que é natural desconfiar dos judeus porque seriam mais leais a Israel do que ao Brasil;
- **29%** consideram legítima a afirmação de que o povo judeu teria sido responsável pela morte de Jesus;
- **31%** consideram legítima a ideia de que é difícil simpatizar com israelenses por causa do sofrimento palestino;
- **31%** consideram legítima a afirmação de que os judeus priorizam preservar sua identidade em vez de se integrar à sociedade;
- **26%** consideram legítima a preocupação com o suposto poder do “lobby sionista”;
- **28%** consideram legítima a ideia de que judeus concentram poder excessivo em finanças e comunicação;
- **37%** consideram legítima a afirmação de que os judeus, em geral, têm mais sucesso financeiro do que outras pessoas.

Mais importante do que esses números isoladamente é o tamanho da zona cinzenta que aparece nas respostas. Em diversas afirmações, uma parcela significativa dos entrevistados classificou essas ideias como “crítica exagerada, mas não preconceituosa”.

A pesquisa também revela ambiguidade significativa quando as narrativas envolvem Israel e o sionismo.

A seguir, há algumas frases que circulam em debates sobre Israel e os judeus. Para cada uma, marque se você considera que se trata de:

■ Crítica legítima
 ■ Depende
 ■ Discurso de ódio ou preconceito
 ■ Não sei

O povo judeu tem o direito à sua segurança, mas o governo israelense deve ser cobrado por violação de direitos humanos.



Israel trata os palestinos como os nazistas trataram os judeus.



Denunciar Israel é um dever moral, principalmente, por causa das crianças palestinas.



O Holocausto é usado como desculpa para justificar políticas de Israel atualmente.



A comunidade judaica tende a se distanciar culturalmente de outros grupos da sociedade.



É importante que as pessoas possam expressar livremente suas críticas aos judeus, mesmo que pareçam ofensivas.



Pessoas pró-Israel são uma má influência para nossa democracia.



A pesquisa mostra o impacto, na sociedade brasileira, de narrativas usadas por setores políticos para demonizar o Estado de Israel, os quais recorrem a antigos tropos antissemitas e, conseqüentemente, alimentam o preconceito contra a comunidade judaica do país. Por exemplo, entre os entrevistados:

- **42%** consideram legítima a frase “Israel trata os palestinos como os nazistas trataram os judeus”;
- **42%** consideram legítima a afirmação de que denunciar Israel seria um dever moral por causa das crianças palestinas;
- **30%** consideram legítima a ideia de que o Holocausto é usado como justificativa para políticas israelenses;
- **25%** consideram legítima a ideia de que críticas ofensivas aos judeus deveriam ser permitidas;
- **24%** consideram legítima a afirmação de que pessoas pró-Israel são uma má influência para a democracia.

A banalização do Holocausto e a demonização de Israel mostram seu impacto, sobretudo nas duas primeiras afirmações, aprovadas por mais de 40% dos entrevistados. Ao mesmo tempo, as demais respostas e outras que mencionaremos a seguir indicam que a sociedade brasileira não está majoritariamente capturada por esses enquadramentos:

- **51%** classificam como discurso de ódio a frase de que pessoas pró-Israel são uma má influência para a democracia;
- **43%** classificam como preconceituosa a ideia de que o Holocausto seria usado como desculpa por Israel.

Esses dados indicam que o debate público brasileiro se encontra em disputa interpretativa, com parte da sociedade reconhecendo essas narrativas como preconceituosas e outra parte legitimando-as como críticas políticas.

Recorte por faixa etária

O recorte etário revela diferenças importantes na forma como diferentes gerações percebem judeus, Israel e o sionismo.

Você se sentiria à vontade em ter como vizinho, colega ou amigo uma pessoa que se identifica como sionista?

	GÊNERO		IDADE					NÍVEL EDUCACIONAL		
	Homem	Mulher	16-24	25-34	35-44	45-59	60-100	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Depende da pessoa	35,8 %	27,1 %	47 %	9,1 %	26,1 %	32,8 %	43,2 %	34,3 %	31 %	25,1 %
Sim	18,2 %	27,3 %	9,7 %	21,1 %	26,2 %	25 %	26,2 %	0	36,1 %	30 %
Não	17,8 %	26,8 %	27,2 %	26,8 %	32,3 %	10,6 %	22,2 %	31,4 %	14,7 %	23,5 %
Não sei	28,3 %	18,8 %	16 %	43 %	15,3 %	31,6 %	8,4 %	34,4 %	18,2 %	21,4 %

O povo judeu tem o direito à sua segurança, mas o governo israelense deve ser cobrado por violações de direitos humanos.

	GÊNERO		IDADE				
	Homem	Mulher	16-24	25-34	35-44	45-59	60-100
Crítica legítima	52,8 %	59,7 %	33,2 %	43,2 %	69 %	53,9 %	70,4 %
Depende	10,7 %	16,5 %	19,9 %	14,6 %	11,6 %	13,3 %	11,8 %
Discurso de ódio	20,4 %	19,1 %	10,2 %	29,6 %	16,4 %	26,7 %	13 %
Não sei	16,1 %	4,7 %	36,7 %	12,7 %	3 %	6 %	4,7 %

Israel trata os palestinos como os nazistas trataram os judeus?

	GÊNERO		IDADE				
	Homem	Mulher	16-24	25-34	35-44	45-59	60-100
Crítica legítima	37,2 %	47,9 %	26,4 %	30,6 %	42 %	42,6 %	60,6 %
Depende	6,1 %	12,4 %	22,5 %	7,2 %	6,6 %	8,3 %	7,7 %
Discurso de ódio	33,1 %	32,9 %	12,2 %	47,9 %	30,3 %	42 %	24,6 %
Não sei	23,6 %	6,8 %	38,9 %	14,2 %	21,1 %	7,1 %	7,1 %

Entre os mais jovens (**16 a 24 anos**) predomina um padrão de oscilação e confusão conceitual. Apenas **9,7%** afirmam que se sentiriam à vontade em conviver com uma pessoa sionista, enquanto **27,2%** dizem que não, e **47%** respondem que “depende da pessoa”. Além disso, **36,6%** não souberam classificar a frase que combina o direito de segurança dos judeus com a crítica ao governo israelense, indicando alto grau de incerteza interpretativa.

Entre os respondentes acima dessa faixa etária, as posições aparecem mais cristalizadas. Entre **35 e 44 anos**, **69%** consideram legítima a formulação que combina segurança judaica e críticas ao governo israelense. Já entre os entrevistados com mais de 60 anos observa-se um padrão paradoxal: esse grupo é o mais favorável à formulação equilibrada sobre segurança judaica (**70,4%**), mas também o que mais considera legítimas narrativas que banalizam ou relativizam o Holocausto.

Recorte por alinhamento político

O espectro político é um dos fatores que mais estruturam a percepção pública sobre Israel e o sionismo.

Israel trata os palestinos como os nazistas trataram os judeus.

	GÊNERO		IDADE				
	Homem	Mulher	16-24	25-34	35-44	45-59	60-100
Critica legítima	37,2 %	47,9 %	26,4 %	30,6 %	42 %	42,6 %	60,6 %
Depende	6,1 %	12,4 %	22,5 %	7,2 %	6,6 %	8,3 %	7,7 %
Discurso de ódio ou preconceito	33,1 %	32,9 %	12,2 %	47,9 %	30,3 %	42 %	24,6 %
Não sei	23,6 %	6,8 %	38,9 %	14,2 %	21,1 %	7,1 %	7,1 %

	NÍVEL EDUCACIONAL			RENDA FAMILIAR				
	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	R\$0 a R\$ 2.000	R\$ 2.000 a R\$ 3.000	R\$ 3.000 a R\$ 5.000	R\$ 5.000 a R\$ 10.000	Acima de R\$ 10.000
Critica legítima	63,2 %	29,2 %	42,4 %	51,7 %	15,8 %	42,9 %	46,4 %	46,2 %
Depende	0	16,8 %	9,4 %	12 %	9,6 %	9,3 %	4,8 %	14,4 %
Discurso de ódio ou preconceito	15,7 %	42,3 %	37,6 %	26,5 %	60,4 %	22,1 %	30,5 %	38 %
Não sei	21,2 %	11,7 %	10,7 %	9,7 %	14,1 %	25,7 %	18,2 %	1,3 %

	REGIÃO					RELIGIÃO				
	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte	Católico	Evangélico	Outra religião	Crente sem religião	Agnóstico ou ateu
Critica legítima	32,4 %	41,6 %	44,2 %	45,2 %	43 %	45,5 %	31,1 %	34,7 %	31,1 %	75,6 %
Depende	4,4 %	14,3 %	6,4 %	4,1 %	12,2 %	4,7 %	18,8 %	15,8 %	8,9 %	11,4 %
Discurso de ódio ou preconceito	36,9 %	30,4 %	39,2 %	33,5 %	26 %	24 %	41,8 %	44,7 %	58,5 %	9,5 %
Não sei	26,3 %	13,8 %	10,1 %	17,2 %	18,9 %	25,8 %	8,3 %	4,9 %	1,5 %	3,6 %

	IDEOLOGIA POLÍTICA					
	Esquerda	Centro-esquerda	Centro	Centro-direita	Direita	Não sei / Não tenho ideologia
Critica legítima	95 %	74,7 %	12,1 %	9,3 %	8,4 %	20,6 %
Depende	0,6 %	9,5 %	54,1 %	28,4 %	9,6 %	2,9 %
Discurso de ódio ou preconceito	0,1 %	1,5 %	33,6 %	56,9 %	49,9 %	68,9 %
Não sei	4,3 %	14,3 %	0,1 %	5,4 %	32,2 %	7,6 %

Denunciar Israel é um dever moral, principalmente, por causa das crianças palestini

	GÊNERO		IDADE				
	Homem	Mulher	16-24	25-34	35-44	45-59	60-100
Critica legítima	34,1 %	49 %	21,1 %	31,8 %	36,2 %	42 %	64,2 %
Depende	9,6 %	12,9 %	24,4 %	8 %	15,3 %	6,5 %	8,8 %
Discurso de ódio ou preconceito	33,3 %	32,8 %	17,1 %	45,3 %	29,8 %	43,8 %	22,9 %
Não sei	23 %	5,2 %	37,3 %	14,9 %	18,7 %	6,8 %	4,2 %

	NÍVEL EDUCACIONAL			RENDA FAMILIAR				
	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	R\$0 a R\$ 2.000	R\$ 2.000 a R\$ 3.000	R\$ 3.000 a R\$ 5.000	R\$ 5.000 a R\$ 10.000	Acima de R\$ 10.000
Critica legítima	57,1 %	30,4 %	45,6 %	47,1 %	13,5 %	40,2 %	49,9 %	49,8 %
Depende	3,6 %	16,6 %	12,2 %	14,9 %	6,5 %	15,3 %	5,3 %	16 %
Discurso de ódio ou preconceito	18,1 %	43,9 %	32,2 %	32,2 %	66,5 %	20,6 %	25,8 %	31 %
Não sei	21,2 %	9,2 %	9,9 %	5,8 %	13,4 %	23,9 %	19 %	3,3 %

	REGIÃO					RELIGIÃO				
	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte	Católico	Evangélico	Outra religião	Crente sem religião	Agnóstico ou ateu
Critica legítima	33,4 %	41,7 %	46,6 %	47,9 %	21,9 %	45,1 %	27,1 %	35,2 %	33,5 %	78,5 %
Depende	4,2 %	14,3 %	9,7 %	4 %	22,9 %	8,1 %	19,2 %	13,1 %	8,5 %	14 %
Discurso de ódio ou preconceito	36,3 %	30,4 %	35,2 %	33,5 %	42,6 %	22,2 %	46,9 %	46,3 %	50,2 %	7,5 %
Não sei	26 %	13,6 %	8,4 %	14,6 %	12,6 %	24,6 %	6,7 %	5,4 %	7,8 %	0 %

Denunciar Israel é um dever moral, principalmente, por causa das crianças palestini

	IDEOLOGIA POLÍTICA					
	Esquerda	Centro-esquerda	Centro	Centro-direita	Direita	Não sei / Não tenho Ideologia
Crítica legítima	96,5 %	75,3 %	17 %	26 %	0,5 %	20,2 %
Depende	1,1 %	9,1 %	51,7 %	18,5 %	15,4 %	12,4 %
Discurso de ódio ou preconceito	0 %	1,2 %	31,2 %	42,8 %	51,7 %	58,8 %
Não sei	2,4 %	14,3 %	0,1 %	12,8 %	32,3 %	8,7 %

Você se sentiria à vontade em ter como vizinho, colega ou amigo, uma pessoa que se identifica como sionista?

	GÊNERO		IDADE				
	Homem	Mulher	16-24	25-34	35-44	45-59	60-100
Crítica legítima	35,8 %	27,1 %	47 %	9,1 %	26,1 %	32,8 %	43,2 %
Depende	18,2 %	27,3 %	9,7 %	21,1 %	26,2 %	25 %	26,2 %
Discurso de ódio ou preconceito	17,8 %	26,8 %	27,2 %	26,8 %	32,3 %	10,6 %	22,2 %
Não sei	28,3 %	18,8 %	16 %	43 %	15,3 %	31,6 %	8,4 %

	NÍVEL EDUCACIONAL			RENDA FAMILIAR				
	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	R\$0 a R\$ 2.000	R\$ 2.000 a R\$ 3.000	R\$ 3.000 a R\$ 5.000	R\$ 5.000 a R\$ 10.000	Acima de R\$ 10.000
Crítica legítima	34,3 %	31 %	25,1 %	11,4 %	26 %	32,9 %	53,6 %	32,9 %
Depende	0	36,1 %	30 %	1,5 %	44,2 %	22,4 %	22,1 %	34,1 %
Discurso de ódio ou preconceito	31,4 %	14,7 %	23,5 %	57,1 %	5,7 %	7,8 %	13,5 %	25 %
Não sei	34,4 %	18,2 %	21,4 %	29,9 %	24,1 %	36,9 %	10,7 %	8 %

	REGIÃO					RELIGIÃO				
	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte	Católico	Evangélico	Outra religião	Crente sem religião	Agnóstico ou ateu
Crítica legítima	43,5 %	29,3 %	31,5 %	11,2 %	41,9 %	33 %	19,2 %	44,2 %	46,2 %	30,6 %
Depende	31,2 %	23,5 %	17 %	33 %	19,9 %	19,2 %	32,9 %	29 %	27,1 %	6,7 %
Discurso de ódio ou preconceito	9,4 %	28,3 %	28,6 %	10,6 %	6,6 %	23,1 %	21,9 %	10,9 %	11,4 %	49,3 %
Não sei	15,9 %	18,9 %	22,8 %	45,1 %	31,5 %	24,7 %	26 %	15,9 %	15,3 %	13,5 %

	IDEOLOGIA POLÍTICA					
	Esquerda	Centro-esquerda	Centro	Centro-direita	Direita	Não sei / Não tenho Ideologia
Crítica legítima	25,9 %	52,9 %	34 %	44,2 %	44,3 %	31,1 %
Depende	7 %	7,3 %	5 %	30 %	36,5 %	35,7 %
Discurso de ódio ou preconceito	25 %	9,7 %	35,9 %	11 %	7 %	15,9 %
Não sei	42,1 %	30,2 %	25,2 %	14,8 %	12,1 %	17,3 %

Pessoas pró-israel são uma má influência para nossa democracia.

	GÊNERO		IDADE				
	Homem	Mulher	16-24	25-34	35-44	45-59	60-100
Crítica legítima	20,4 %	27,4 %	11,2 %	26,5 %	30,1 %	27,7 %	19,3 %
Depende	12,4 %	18,3 %	5,1 %	8,7 %	24,6 %	8,5 %	27,9 %
Discurso de ódio ou preconceito	54,8 %	46,8 %	66,2 %	52 %	35,2 %	57,7 %	45,1 %
Não sei	12,5 %	7,5 %	17,6 %	12,8 %	10,1 %	6,2 %	7,7 %

	NÍVEL EDUCACIONAL			RENDA FAMILIAR				
	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	R\$0 a R\$ 2.000	R\$ 2.000 a R\$ 3.000	R\$ 3.000 a R\$ 5.000	R\$ 5.000 a R\$ 10.000	Acima de R\$ 10.000
Crítica legítima	46,4 %	11,9 %	17,8 %	38,7 %	4 %	23,5 %	23,3 %	21,3 %
Depende	9,5 %	17,5 %	19,9 %	2,1 %	11,9 %	9,6 %	32,6 %	24,3 %
Discurso de ódio ou preconceito	36,7 %	60,1 %	51,5 %	43,7 %	73 %	53,9 %	39,4 %	50,1 %
Não sei	7,4 %	10,5 %	10,8 %	15,6 %	11 %	12,9 %	4,7 %	4,2 %

Pessoas pró-israel são uma má influência para nossa democracia.

	REGIÃO					RELIGIÃO				
	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste	Norte	Católico	Evangélico	Outra religião	Crente sem religião	Agnóstico ou ateu
Crítica legítima	18,5 %	29,8 %	15,1 %	43,3 %	3,6 %	24,1 %	21,8 %	15,5 %	13,4 %	38 %
Depende	32 %	10,2 %	20 %	4,6 %	11,1 %	17,6 %	3,3 %	19,9 %	12,8 %	46,4 %
Discurso de ódio ou preconceito	45,1 %	55,6 %	53,9 %	37,8 %	42,7 %	45,6 %	66,1 %	56,7 %	67,4 %	14,1 %
Não sei	4,4 %	4,5 %	10,9 %	14,3 %	42,6 %	12,7 %	8,8 %	7,9 %	6,3 %	1,6 %

	IDEOLOGIA POLÍTICA					
	Esquerda	Centro-esquerda	Centro	Centro-direita	Direita	Não sei / Não tenho Ideologia
Crítica legítima	75,2 %	13,8 %	0,1 %	3,3 %	0 %	15,7 %
Depende	14,7 %	37,9 %	28,6 %	6,7 %	2,1 %	3,1 %
Discurso de ódio ou preconceito	4,4 %	29,8 %	66 %	87,9 %	88,6 %	63,3 %
Não sei	5,6 %	18,5 %	5,3 %	2,1 %	9,3 %	17,9 %

Entre entrevistados que se identificam com a esquerda, **95%** consideram legítima a analogia entre Israel e os nazistas, **96,5%** legitimam a narrativa de que denunciar Israel seria um dever moral, e apenas **7%** afirmam que se sentiriam à vontade em conviver com uma pessoa sionista. Essa última resposta revela até que ponto o preconceito antijudaico está enraizado em pessoas que se identificam com a esquerda: a rejeição política aos “sionistas” – que, na prática, acaba sendo uma rejeição à imensa maioria dos judeus – deixa de ser apenas política e se transforma em pessoal e afetiva, atingindo os judeus de forma personalíssima, como párias para esse setor da sociedade, não merecedores de confiança, amizade e afeto. Um tipo de antissemitismo que não alcançava tal capilaridade social desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Na centro-esquerda, o padrão é semelhante, ainda que menos intenso: **74,7%** legitimam a analogia Israel-nazismo e **75,3%** legitimam a narrativa de denúncia moral contra Israel.

Já entre entrevistados identificados com a centro-direita e a direita, observa-se maior aceitação do sionismo e maior sensibilidade para classificar determinadas narrativas como preconceituosas. Na direita, **36,5%** afirmam que aceitariam conviver com um sionista, enquanto **88,6%** classificam como preconceituosa a afirmação de que pessoas pró-Israel seriam uma ameaça à democracia.

Conclusão

A pesquisa indica que a percepção da sociedade brasileira sobre judeus, Israel e o sionismo é marcada menos por um antissemitismo frontal e declarado e mais por uma combinação de preconceitos históricos já profundamente enraizados, ambiguidade interpretativa e baixo letramento sobre as formas contemporâneas de antissemitismo.

Isso evidencia a conexão entre antissemitismo clássico e antissemitismo moderno: enquanto o primeiro se baseia em estereótipos históricos sobre judeus, o segundo muitas vezes se manifesta na forma de rejeição ao vínculo entre judeus, Israel e autodeterminação nacional judaica.

Diante desse cenário, o enfrentamento do antissemitismo no Brasil exige não apenas denúncia, mas também letramento público, isto é, um esforço sistemático de promoção da educação sobre como o antissemitismo opera historicamente e sobre como ele se transforma no presente. O problema não reside apenas na existência de preconceito, mas no fato de que ele frequentemente não é reconhecido como tal.

O ANTISSEMITISMO PARA ALÉM DOS INCIDENTES

Contexto, Narrativas, Tendências e Percepções

O diagnóstico do antissemitismo no Brasil não pode ser compreendido apenas a partir das denúncias registradas ou da percepção direta da comunidade judaica. Ele precisa ser situado no ambiente informacional, educacional e institucional mais amplo da sociedade brasileira.

Outras pesquisas nacionais realizadas por instituições e iniciativas diversas, como StandWithUs Brasil/AtlasIntel, indicam que 59,2% dos brasileiros utilizam redes sociais como principal fonte de informação sobre o conflito israelo-palestino. O dado evidencia o papel central do ecossistema digital na formação de opinião pública sobre temas complexos e sensíveis.

Paralelamente, observa-se fragilidade no conhecimento histórico: apenas 53% dos brasileiros definem corretamente o Holocausto como o extermínio sistemático de judeus na Segunda Guerra Mundial, enquanto 87,3% nunca participaram de ações educativas relacionadas ao tema. A combinação entre consumo massivo de informação digital e baixo acesso a educação histórica estruturada cria vulnerabilidades que favorecem a circulação de desinformação e analogias distorcidas. Os dados são de pesquisa realizada por um consórcio de organizações, liderado pela CONIB, e com participação de StandWithUs Brasil, Museu do Holocausto de Curitiba e Memorial do Holocausto de São Paulo.

O fenômeno também atravessa ambientes institucionais. Levantamento realizado pela Iniciativa ECOA – Executivos Contra o Antissemitismo aponta que 46% dos judeus relatam já ter sofrido antissemitismo na vida profissional e 25% afirmam ter presenciado discriminação no local de trabalho. Esses dados demonstram que o antissemitismo contemporâneo não se limita ao espaço virtual ou a episódios isolados, mas se manifesta de forma transversal na sociedade brasileira.

Da mesma forma, monitoramento digital realizado pela COLACOM, por meio de ferramenta especializada de social listening, com modulação dedicada e constantes aprimoramentos para precisão dos dados, constitui eixo fundamental para a compreensão do antissemitismo contemporâneo no ambiente online. A análise contínua de menções, padrões discursivos, volume de interações e indicadores de sentimento permite mapear não apenas a ocorrência de conteúdos hostis, mas também sua intensidade, propagação e capacidade de mobilização. Os indicadores de sentimentalidade - que identificam tonalidades negativas, neutras e positivas para cada tag rastreada - são particularmente relevantes para distinguir crítica legítima de discurso de ódio, bem como para detectar picos de radicalização associados a eventos nacionais ou internacionais. Esse acompanhamento sistemático amplia a capacidade de resposta institucional, subsidia ações preventivas e oferece evidências empíricas sobre a dinâmica e a escalada do antissemitismo nas redes sociais.

MONITORAMENTO DIGITAL – REDES SOCIAIS

Em 2025, o ambiente digital consolidou-se como o principal vetor de circulação e amplificação de manifestações antissemitas e discursos de ódio. Redes sociais, veículos tradicionais, mídias segmentadas e influenciadores digitais passaram a desempenhar papel estruturante na formação de percepções públicas, transformando episódios isolados em narrativas de alcance massivo. Essa tendência, verificada e acompanhada desde o 7 de outubro, longe de apresentar redução, foi amplificada e tem ajudado a estabelecer o que tratamos como “novo normal”.

Nesse ecossistema, os algoritmos operam como arquitetos invisíveis da atenção pública. Longe de serem neutros, organizam conteúdos com base em padrões de engajamento e preferências individuais, criando ambientes informacionais fechados que reforçam convicções prévias e reduzem a exposição à divergência. O resultado é um debate público fragmentado, orientado por vieses de confirmação e por dinâmicas de polarização afetiva.

Esse contexto favorece a circulação de estereótipos e preconceitos por meio de formatos aparentemente triviais, como memes, vídeos curtos, ironias e conteúdo de humor, que diluem hostilidades sob camadas de ambiguidade. A sobrecarga informacional, frequentemente composta por temas distorcidos ou não verificados, dificulta a reflexão crítica e estimula respostas emocionais imediatas.

Nesse cenário, o antissemitismo manifesta-se tanto por ataques explícitos quanto (de forma mais difusa e persistente) pela construção de narrativas reiteradas que consolidam imaginários distorcidos. No ambiente digital, essas narrativas adquirem escala, velocidade e permanência, favorecendo processos de normalização simbólica.

Como o Monitoramento Digital é feito

- Busca entender o antissemitismo no cenário online brasileiro e como o conflito entre Israel e o Hamas influencia esse fenômeno;
- A pesquisa analisa as principais narrativas, os perfis que moldam a conversa e a evolução diária do antissemitismo nas redes;
- Acompanha métricas essenciais para uma visão ampla e detalhada. Os dados são coletados de redes sociais, portais e blogs;
- A metodologia para a análise de menções antissemitas combina um filtro de palavras desenvolvido por inteligência artificial com a curadoria e o entendimento humano, garantindo precisão e contextualização nas análises.

Classificação das menções captadas no Monitoramento

A primeira classificação analisa a **FAVORABILIDADE** da publicação em relação ao Estado de Israel e judeus.

FAVORÁVEL

Notícias e comentários que demonstram apoio a Israel e judeus.

NEUTRO

Conteúdos imparciais, geralmente relatos de acontecimentos. Alguns expressam simpatia pelas vítimas, mas sem apoiar nenhum dos lados.

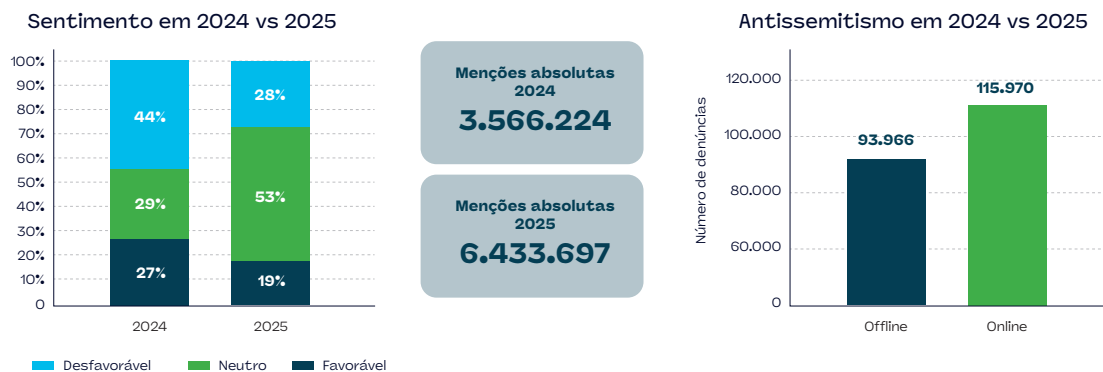
DESAVORÁVEL

Notícias e comentários críticos às ações de Israel ou que manifestam apoio ao Hamas no conflito.

Principais números

Em 2025, foram identificadas **6,43 milhões de menções absolutas**, dentro dos critérios do Monitoramento. Dessas, **115.970 foram classificadas como antissemitas**, totalizando **alcance potencial de mais de 66 milhões de pessoas**.

Sentimento x Volume de menções (comparativo 2024 vs 2025)



O antissemitismo digital em 2025 demonstra:

- Forte reatividade a eventos geopolíticos.
- Capacidade de diluição proporcional em ambientes de alto volume.
- Migração para plataformas mais comunitárias.
- Redução da polarização explícita, com aumento da neutralidade.
- Persistência estrutural dos tropos históricos, prontos para reativação.

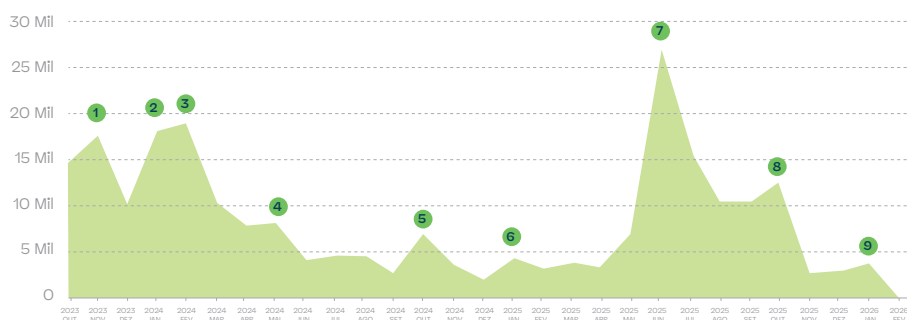
O ano de 2025 não pode ser interpretado apenas como período de maior ou menor intensidade, mas como fase de consolidação estrutural do fenômeno. O volume cresce, o discurso se reorganiza, as plataformas se redistribuem e os tropos permanecem operantes.

A redução percentual do sentimento desfavorável não implica enfraquecimento do fenômeno, mas sua transformação em forma discursiva mais estável, menos explosiva e potencialmente mais enraizada no tecido narrativo digital.

Evolução da volumetria de conversas antissemitas em redes sociais (2023/2025)

Se 2023 foi marcado pela explosão inicial do debate **pós-7 de outubro e 2024 caracterizou-se por polarização intensa e altos índices de desfavorabilidade**, 2025 consolida etapa distinta: **expansão volumétrica com neutralização emocional relativa e institucionalização do conflito como tema recorrente.**

Antissemitismo nas redes – 2023 a 2026
Evolução do volume das conversas antissemitas nas redes sociais



- 1) Lula compara as ações de Israel em Gaza com o terrorismo do Hamas.
- 2) Gleisi Hoffmann chama governo de Israel de “genocida”. Lula declarou apoio à iniciativa da África do Sul de acionar a Corte Internacional de Justiça da ONU para investigar.
- 3) Lula afirma que “Israel não está fazendo guerra, e sim um genocídio”.
- 4) Irã ataca Israel com drones e mísseis.
- 5) Israel promove um ataque aéreo no centro de Beirute.
- 6) Justiça manda PF investigar soldado de Israel que está no Brasil.
- 7) Israel “tomará o controle de toda a Faixa de Gaza”, declara Benjamin Netanyahu. Israel intercepta barco com Greta Thunberg e com o brasileiro Thiago Ávila. Israel ataca o Irã. Lula mais uma vez pontua, desta vez na cúpula dos BRICS, que Israel está promovendo um genocídio em Gaza.
- 8) Anúncio e execução do cessar-fogo em Gaza. Hamas rompe com o cessar-fogo. Detratores acusam Israel pelo feito.
- 9) Apoio dos Bolsonaro à Israel e aceitação do número de mortos no conflito.

Ao longo de 2025, a sentimentalidade seguiu as seguintes tendências:

- O sentimento **favorável ficou em 19%**, queda de **8%** quando comparado a 2024.
- A **neutralidade teve aumento de 24%** em relação a 2024, fechando o ano em **53%**.
- Já o sentimento **desfavorável também apresentou queda** em comparação ao ano anterior, de **16%**. O índice **desfavorável em 2025 foi de 28%**.

A elevação acentuada da neutralidade sugere processo de estabilização narrativa após o ambiente altamente reativo de 2024. O tema permanece presente, mas com menor carga emocional explícita. O recuo simultâneo do favorável e do desfavorável indica redução da polarização direta e possível consolidação do conflito como pano de fundo permanente das discussões, com maior presença de cobertura factual e enquadramentos descritivos.

Ao monitorar estritamente as menções antissemitas, verifica-se que os picos de manifestações em redes sociais seguem a tendência identificada em 2023 e 2024, sendo atingidos logo após pronunciamentos públicos internos, posicionamentos governamentais e eventos internacionais de grande impacto que repercutiram no Brasil.



64%

MENÇÕES ANTISSEMITAS

21%

RACISMO CONTRA JUDEUS

14%

EXPRESSIONES RELACIONADAS A VIOLÊNCIA FÍSICA E TERRORISMO

1%

EMISSIONES RELACIONADAS AO NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO

- **Em 2025, três dos quatro principais picos de share of voice relacionados ao antissemitismo estiveram associados ao presidente Lula e a iniciativas do governo brasileiro.** Os maiores picos de share of voice relacionados ao antissemitismo foram: Declarações de Lula sobre o reconhecimento da Palestina, a adesão do Brasil ao processo em Haia contra Israel, a ofensiva de Israel em Gaza e críticas do ministro Israel Katz ao presidente Lula.
- **O maior pico de menções antissemitas em volume absoluto** ocorreu em 14 de junho de 2025, impulsionado pela repercussão da interceptação do barco que levava Greta Thunberg e o brasileiro Thiago Ávila.
- **115.970 menções com teor antissemita com o alcance de 66.092.173.** Essas menções corresponderam a **1,75% do total de interações do ano.** É importante ressaltar que esta análise abrange apenas interações em plataformas abertas, excluindo conversas privadas realizadas em aplicativos como Whatsapp ou outros aplicativos de mensagens.

O alcance potencial das menções antissemitas registradas é de 66.092.173 pessoas, o que reforça a importância de não apenas monitorar e classificar o antissemitismo em ambientes digitais, mas de estabelecer estratégias para seu enfrentamento e redução significativa.

Exemplos de antissemitismo nas redes:

O antissemitismo é a salvação da humanidade, vimos líderes sionistas como os Lordes Rothschild cuidarem do nosso banco e psicológico, além de desde quando o Estado de Israel foi criado só houve Genocídios, mentiras, arrogâncias, ignorâncias e negligências em sua história, tanto que os Estados Unidos já se tornou cachorrinho danda 200 bilhões a Israel.

Esse posicionamento DEMOROU DEMAIS! O genocídio está acontecendo há mais de 1 ano!

Palestina Livre!!! Todo país é soberano!!! [#foraisrael](#)

As declarações do Itamaraty tem total apoio dos brasileiros que tem coração e vergonha na cara. Parabéns presidente por condenar esse estado de apartheid, colonialista, opressor chamado Israel.

Se o povo de Israel achava que existia anti semitismo, eles que se preparem para o que está começando a acontecer com tudo isso que eles estão fazendo.

As vezes fico pensando... Será que H1TL3R estava errado??

Muito diferente do que diz o texto da Cofederação Israelita do Brasil, o povo Brasileiro APIOIA SIM essa ação contra o genocídio palestino. O povo CLAMA pelo fim desse massacre, genocídio e crime perpetrado por Israel e apoiado por EUA

Cortar relações com Israel pra ontem. O nazisionismo está matando o povo palestino.

Panorama de Opiniões sobre o conflito israelo-palestino no Brasil

Opinião pública, identidades políticas e fronteiras do debate

A pesquisa foi conduzida em um contexto de alta exposição midiática do conflito israelo-palestino, especialmente após os eventos de 7 de outubro de 2023 e o prolongamento da guerra em Gaza, com forte impacto no debate público nacional e nas redes sociais. Foi realizada pelo Instituto AtlasIntel, sob encomenda do CEAD – Centro de Estudos e Análises de Dados de StandWithUs Brasil, responsáveis pela modelagem técnica do inquérito.

A coleta de dados foi realizada entre 10 e 23 de setembro de 2025, durante o período de negociações finais para um cessar-fogo em Gaza, e na iminência da libertação dos reféns ainda em poder do Hamas.

Survey quantitativo, representativo da população adulta brasileira, com amostra total de 1.812 respondentes. A margem de erro foi delimitada em 2 pontos percentuais (+/-), com nível de confiabilidade de 95%.

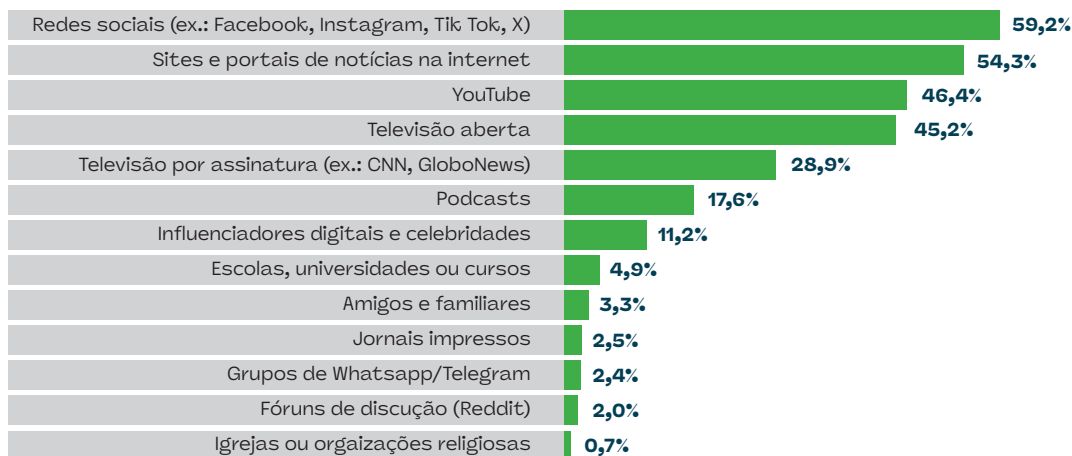
Foram definidas como categorias analíticas: política externa, imagem internacional, conhecimento e fontes de informação, enquadramento do conflito, polarização ideológica, convivência social, liberdade de expressão e limites do ativismo.

Principais fontes de informações sobre o conflito

Os ambientes digitais são a principal fonte de informação para a maior parte dos participantes da pesquisa: as redes sociais aparecem em primeiro lugar (X, Facebook, Instagram, TikTok), com 59,2%, seguidas de perto por sites e portais de notícias na Internet, que são a fonte de informação primária para 54,3%.

Quais suas principais fontes de informação sobre o conflito israelo-palestino?

Marque até 4 opções.



Tendências centrais identificadas:

- Redução da neutralidade e aumento da assertividade opinativa;
- Crescente moralização e afetivização do debate;
- Influência decisiva das redes sociais na formação de opinião;
- Incorporação de vocabulário anticolonial e slogans políticos de forma pouco técnica;
- Fechamento cognitivo e dificuldade de diálogo entre posições divergentes.

Síntese analítica dos resultados

Em leitura transversal, os dados revelam uma sociedade altamente mobilizada emocionalmente, com forte envolvimento simbólico e identitário com o conflito, apesar de lacunas técnicas e conceituais no entendimento histórico e jurídico.

- O aumento do conhecimento autodeclarado se articula à centralidade das redes sociais como fonte informacional;
- A polarização política nacional influencia diretamente a leitura do conflito internacional;
- A queda da imagem de Israel acompanha a intensificação da cobertura humanitária de Gaza;
- A moralização do debate favorece leituras binárias (“opressor vs. oprimido”).

A pesquisa evidencia como críticas políticas legítimas podem, em certos contextos, deslizar para a normalização de discursos antisemitas, especialmente quando conceitos como “genocídio”, “sionismo” ou “ocupação” são utilizados de forma descolada de suas definições técnicas, descontextualizada e moralmente absolutizada.



CONHECIMENTO SOBRE O HOLOCAUSTO NO BRASIL – 2025

A pesquisa “Conhecimento sobre o Holocausto no Brasil” foi realizada ao longo de 2025, em um contexto internacional marcado pelo recrudescimento do antissemitismo, pela circulação de desinformação histórica e pela banalização da violência. O estudo teve como objetivo central mapear o nível de conhecimento da população brasileira sobre o Holocausto, identificando lacunas educacionais, desigualdades socioeconômicas no acesso à informação histórica e percepções sobre a importância do ensino do tema.

A pesquisa foi encomendada por um consórcio entre a Confederação Israelita do Brasil (CONIB), pelo Memorial do Holocausto de São Paulo, pelo Museu do Holocausto de Curitiba e pela StandWithUs Brasil, e conduzida pelo Grupo ISPO, instituto especializado em pesquisa de opinião pública.

Amostra consolidada:

- Total de entrevistas: 7.762
- 54,2% mulheres
- 31,4% jovens entre 18 e 29 anos
- 51,8% com ensino médio
- 54,4% com renda familiar de até dois salários-mínimos

As entrevistas foram presenciais, realizadas em pontos de fluxo urbano (estações de transporte, centros comerciais), com controle por cotas sociodemográficas.

Conhecimento percebido vs Conhecimento factual

59,3% afirmam ter algum conhecimento sobre o Holocausto, mas apenas **53,2%** conseguem defini-lo corretamente como o extermínio sistemático de seis milhões de judeus pelo regime nazista.

Ao mesmo tempo, **2,9%** dos respondentes acreditam que o Holocausto foi um “episódio isolado de violência não comprovado”, resultado que embora pequeno, precisa ser levado em conta por indicar a persistência de dúvida com potencial para se tornar negacionismo.

Fontes de informação

30,9%

ESCOLA

18,6%

FILMES
E LIVROS

12,5%

INTERNET E
REDES SOCIAIS

1,7%

MUSEUS
E MEMORIAIS

Apenas 1,7%, evidenciando baixo acesso a espaços formais de memória.

Reconhecimento da importância, mas baixo engajamento prático

64,4% Consideram fundamental o ensino do Holocausto nas escolas.

87,3% Nunca participaram de palestras, eventos educativos ou visitas a museus relacionados ao tema

Síntese analítica dos resultados

A pesquisa revela um quadro estrutural de fragilidade do conhecimento histórico sobre o Holocausto no Brasil, fortemente condicionado por desigualdades educacionais e socioeconômicas. O Holocausto é amplamente reconhecido como um evento relevante, mas compreendido de forma superficial, fragmentada e, em muitos casos, imprecisa.

O descompasso entre a valorização simbólica do tema e o baixo engajamento prático indica que o conhecimento existente é, em grande parte, mediado por referências indiretas (escola, cultura audiovisual, internet), sem aprofundamento conceitual ou contextual. A baixa presença de museus e memoriais como fonte de informação reforça a dificuldade de acesso a experiências educativas estruturadas.

Os dados sugerem que a desigualdade educacional opera não apenas como um fator de exclusão social, mas também como um fator de vulnerabilidade à desinformação histórica, abrindo espaço para relativizações, distorções e discursos negacionistas.



ANTISSEMITISMO EM EMPRESAS

A pesquisa “Antisemitismo nas Empresas” foi realizada por Renata Bendit Consultoria de Insight, a pedido da iniciativa ECOA – Executivos Contra o Antisemitismo, com o objetivo de mapear a presença, as formas e os impactos do antisemitismo no ambiente corporativo brasileiro. O estudo busca compreender tanto as experiências diretas de profissionais judeus quanto as percepções mais amplas de trabalhadores judeus e não judeus sobre o tema, oferecendo subsídios para lideranças empresariais, gestores de RH e áreas de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI).

A amostra total foi de 1.003 respondentes, com forte concentração geográfica no Sudeste (93%), especialmente nas capitais (90%), e presença relevante de profissionais em cargos de liderança, incluindo C-level.

O público pesquisado incluiu:

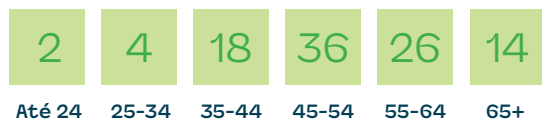
- Profissionais judeus e não judeus;
- Trabalhadores de diferentes setores econômicos (tecnologia, saúde, finanças, serviços, jurídico, educação, mídia, setor público, entre outros);
- Diversos níveis hierárquicos, de assistentes a sócios e executivos.

Perfil da amostra

GÊNERO



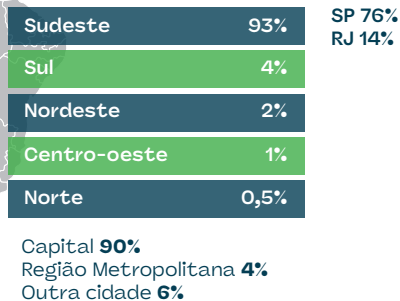
IDADE (%)



JUDEU/JUDIA



REGIÃO



Principais achados

- **46% dos judeus** afirmam já ter sido vítimas de antissemitismo em algum momento da vida profissional;
- **19%** dos judeus entrevistados relatam ter sofrido antissemitismo **no ambiente de trabalho**;
- **18% da amostra geral** afirma já ter presenciado situações de antissemitismo no trabalho, percentual que sobe para **25% entre judeus**;
- A maioria das situações **não gerou reprimenda formal**, e quando houve alguma resposta institucional, esta foi predominantemente **informal**;
- **52%** dos respondentes afirmam já ter ouvido piadas sobre judeus no ambiente profissional;
- Apenas **14%** indicam que o antissemitismo é tratado de forma consistente dentro das políticas de diversidade;
- Somente **15% das empresas** possuem ou estão desenvolvendo políticas claras de combate ao antissemitismo.

Síntese analítica dos resultados

A pesquisa revela que o antissemitismo no ambiente corporativo brasileiro não é episódico, mas apresenta características estruturais e naturalizadas, especialmente na forma de piadas, comentários depreciativos e atitudes disfarçadas de humor ou opinião.

O dado de que **1 em cada 4 judeus** já presenciou antissemitismo no trabalho, aliado à baixa taxa de resposta institucional, aponta para um cenário de normalização do preconceito e de silenciamento das vítimas, muitas vezes motivado pelo medo de represálias ou pela percepção de que não haverá consequências.

Outro aspecto relevante é a assimetria de gênero: mulheres tendem a associar mais frequentemente os episódios de antissemitismo aos desdobramentos do ataque terrorista de 7 de outubro de 2023 e à guerra subsequente, indicando maior sensibilidade ou maior exposição a discursos politizados e hostis no ambiente profissional.

Os dados também sugerem uma lacuna expressiva nas políticas de DEI, que frequentemente tratam o racismo e outras discriminações, mas excluem o antissemitismo ou o abordam de forma periférica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados ao longo deste sumário executivo, e que podem ser acessados integralmente na versão expandida do Relatório Anual, evidenciam que o antissemitismo no Brasil não se limita a episódios isolados ou a manifestações circunstanciais. Trata-se de perigoso fenômeno que se expressa de forma transversal, atravessando ambientes digitais, espaços institucionais, dinâmicas profissionais e processos de formação de opinião pública. O crescimento expressivo das denúncias, a centralidade das redes sociais na circulação de narrativas e a fragilidade no conhecimento histórico sobre o Holocausto compõem quadro que exige leitura sistêmica e contínua.

O diagnóstico demonstra que o antissemitismo contemporâneo opera em múltiplas camadas: manifesta-se tanto por meio de agressões explícitas quanto por processos mais difusos de normalização discursiva, desinformação e responsabilização coletiva. A combinação entre baixa base demográfica da comunidade judaica, subnotificação estrutural e limitações operacionais no monitoramento reforça a necessidade de metodologias integradas que considerem não apenas o volume de incidentes, mas também seu impacto simbólico e seu potencial de radicalização.

Ao mesmo tempo, os elevados índices de confiança institucional na CONIB e nos mecanismos comunitários de segurança indicam que a resposta organizada e baseada em evidências constitui elemento central na mitigação de riscos e na proteção da vida judaica no país. O enfrentamento do antissemitismo, contudo, não pode ser compreendido como responsabilidade exclusiva da comunidade afetada. Trata-se de um desafio que interpela o poder público, as plataformas digitais, o sistema educacional, o ambiente corporativo e a sociedade brasileira como um todo.

Como demonstrado, o antissemitismo contemporâneo não é um fenômeno restrito a fronteiras nacionais. Ele se manifesta como dinâmica transnacional, alimentada por fluxos digitais globais, por narrativas que circulam em tempo real e por repertórios simbólicos compartilhados internacionalmente. Episódios e discursos produzidos em outros contextos repercutem no Brasil, são reinterpretados localmente e passam a integrar o ambiente informacional doméstico. Esse caráter global impõe a necessidade de alinhamento metodológico e institucional com centros internacionais de monitoramento e enfrentamento do antissemitismo. Ao adotar parâmetros reconhecidos internacionalmente e dialogar com organizações e institutos de referência, a CONIB posiciona-se em consonância com as melhores práticas globais de análise e resposta ao fenômeno. Essa inserção não apenas fortalece a qualidade técnica do diagnóstico produzido, como também situa a comunidade judaica brasileira no mesmo patamar de articulação estratégica que outras comunidades da diáspora, reafirmando o compromisso com padrões internacionais de enfrentamento baseados em evidências e cooperação institucional.

Não se trata de um problema restrito à comunidade judaica. Historicamente, o antissemitismo antecipa processos de erosão democrática, naturalização da violência simbólica e enfraquecimento do Estado de Direito. Onde ele avança, outras formas de intolerância e autoritarismo tendem a se seguir.

O “novo normal” do antissemitismo global exige respostas proporcionais à sua complexidade. A produção sistemática de dados, a transparência metodológica e a articulação institucional representam etapas fundamentais, mas insuficientes se não forem acompanhadas de ações coordenadas e compromissos concretos. O enfrentamento do antissemitismo no Brasil requer responsabilidade coletiva, compromisso democrático e políticas orientadas por evidências.

RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS

O enfrentamento ao antissemitismo exige abordagem multissetorial. As recomendações a seguir são formuladas com base nos dados empíricos apresentados e dirigem-se a diferentes atores sociais cuja atuação é determinante para a prevenção e mitigação do fenômeno.

Premissas Orientadoras

- O antissemitismo configura violação de direitos humanos e crime, nos termos da legislação vigente;
- A liberdade de expressão é princípio constitucional, mas não protege discursos discriminatórios ou de incitação ao ódio, violadores de outros princípios, de mesma hierarquia;
- O enfrentamento ao antissemitismo exige ações preventivas e repressivas, de forma equilibrada;
- O enfrentamento ao antissemitismo é um dever de todos: sociedade civil, Estado, plataformas e empresas, imprensa, formadores de opinião, academia e cidadãos.
- A memória histórica é elemento essencial para a preservação da democracia.

Jornalistas e Veículos de Comunicação

- Diferenciar crítica política legítima de discursos que reproduzam estereótipos históricos ou responsabilização coletiva.
 - Evitar analogias distorcidas envolvendo o Holocausto e referências históricas imprecisas.
 - Adotar protocolos rigorosos de verificação diante de conteúdos virais e moderar espaços de comentários para não veiculem discurso de ódio e desinformação.
-

Influenciadores Digitais e Criadores de Conteúdo

- Evitar a propagação de narrativas não verificadas sobre conflitos internacionais.
 - Diferenciar ativismo político de incitação à hostilidade contra identidades religiosas ou étnicas.
 - Responsabilizar-se pela moderação das comunidades sob sua influência.
-

Plataformas Digitais

- Aperfeiçoar mecanismos de identificação e remoção de discurso de ódio antissemita, incluindo uso de IA contextual, análise multimodal (texto, imagem, vídeo e memes) e monitoramento de linguagem cifrada, reduzindo tempo de resposta e reincidência.
 - Evitar amplificação algorítmica de conteúdos de risco, adotando mecanismos de redução de alcance preventiva enquanto ocorre a análise de moderação.
 - Garantir transparência e aplicação consistente das políticas de moderação, com critérios claros, relatórios periódicos específicos sobre antissemitismo e canais efetivos de recurso.
 - Desmonetizar e aplicar sanções progressivas a infratores recorrentes, desincentivando economicamente a disseminação de ódio.
 - Investir em educação digital e contranarrativas qualificadas, direcionando usuários a fontes confiáveis e conteúdo histórico validado. Cooperar com autoridades e organizações da sociedade civil no monitoramento e punição de incidentes.
-

Instituições Educacionais e Professores

- Incorporar de forma estruturada e contínua a educação sobre o Holocausto e a história do antissemitismo.
 - Desenvolver protocolos claros para enfrentamento de casos de discriminação.
 - Promover pensamento crítico e análise responsável de conteúdos digitais.
-

Ambientes Acadêmicos

- Garantir que debates sobre conflitos internacionais não resultem em hostilidade dirigida a estudantes, docentes ou convidados.
 - Estabelecer códigos de conduta rigorosos e claros contra discriminação e assédio ideológico.
 - Incentivar pesquisas rigorosas sobre antissemitismo contemporâneo.
-

Sistema de Justiça

- Aplicar de forma consistente a legislação existente contra discriminação e incitação ao ódio.
- Promover capacitação específica sobre tipologias contemporâneas de antissemitismo.
- Assegurar celeridade na investigação de crimes motivados por preconceito.

Poder Público

- Desenvolver e implementar estratégia nacional e planos estruturados de enfrentamento ao antissemitismo e demais formas de ódio religioso e étnico.
 - Fortalecer mecanismos oficiais de coleta e transparência de dados sobre crimes de ódio.
 - Incorporar educação sobre o Holocausto e história do antissemitismo em diretrizes curriculares, em articulação com especialistas.
-

Pesquisadores e Instituições de Pesquisa

- Ampliar a produção de dados empíricos sobre antissemitismo no Brasil.
 - Desenvolver metodologias interdisciplinares que integrem dimensões digital e presencial.
 - Estimular cooperação internacional para comparação de tendências globais.
-

Comunidade Judaica

- Fortalecer mecanismos de denúncia e monitoramento.
 - Investir em formação de lideranças e educação interna.
 - Articular respostas coordenadas em âmbito local e nacional.
-

Sociedade Ampla

- Reconhecer que o antissemitismo é questão de interesse público e democrático.
- Rejeitar analogias históricas distorcidas e desumanização simbólica como argumentos críticos.
- Compreender que a defesa da diversidade religiosa e étnica é elemento constitutivo do Estado Democrático de Direito.

FONTES DOS DADOS APRESENTADOS

Canais de Denúncias (DSC/FISESP e CONIB)

Monitoramento Digital – WEB (CONIB)

Pesquisas

“*Percepções da Comunidade Judaica sobre Identidade, Vivência e Antissemitismo no Brasil*” – Intracomunitária/CONIB

“*Presença do Antissemitismo na Sociedade Brasileira*” – StandWithUs Brasil/AtlasIntel

“*Panorama de Opiniões sobre o conflito israelo-palestino no Brasil*” – StandWithUs Brasil/AtlasIntel

“*Conhecimento sobre o Holocausto no Brasil*” - CONIB, Museu do Holocausto, Memorial do Holocausto e StandWithUs Brasil

“*Antissemitismo nas Empresas*” – ECOA – Executivos Contra o Antissemitismo

Para acessar a versão integral
do Relatório Anual sobre
Antissemitismo 2025 clique [AQUI](#)
ou acesse o QR Code abaixo.





Siga a Conib nas redes sociais:



@coniboficial / www.conib.org.br